

Lucas Izidorio

DA AÇÃO À REFLEXÃO

A EXPERIÊNCIA
DO PROJETO
PULSA BAIRO



DA AÇÃO À REFLEXÃO

**A EXPERIÊNCIA
DO PROJETO
PULSA BAIRRO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Coordenação de graduação em Arquitetura e Urbanismo como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob orientação da prof. Izabella Galera.

Recife, 2023.



PULS
PULS
PULS
PULS

À minha filha, Maria flor, que foi a maior motivação que tive durante toda a minha graduação, e sua presença constante na minha vida, me inspirou e me inspira a alcançar meus objetivos.

À Nilda, Cícero e Marcos, meus pais e meu irmão, pelo apoio inabalável e amor incondicional ao longo da minha jornada acadêmica. A presença de vocês ao meu lado foi fundamental para me fortalecer e me encorajar.

À minha companheira, meu bem, Melina, que esteve ao meu lado em todos os momentos me apoiando e incentivando.

À meus amigos do Coletivo Massapê, Amanda, Bruno, Pedro, Laryssa, Melina, Bela e Marina. Nossas inquietações e desejo por um mundo mais justo me proporcionam um olhar mais humano para a atuação da arquitetura e urbanismo.

Por fim, gostaria de agradecer a todos que fizeram parte da minha jornada e por contribuírem para o meu crescimento pessoal e profissional: Camilo, Nando, Marília, Danielle, Bruno, Lula, André, Luisa, Carol, Igor, Aline, Alê, Circe, Natan, Djair, Pedro, Lane, Marlon, Marquinhos, Israel, Lygia, Sandrinha, Karinne e Regi.



Ficha Técnica

Revisão

Maria Regina Jardim e Melina Motta

Redação

Lucas Izidorio

Projeto editorial e Capa

Pedro Sá

Orientação

Izabella Galera

Fotografias

Coletivo Massapê, Marlon Diego e Melina Motta

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Silva, Lucas Izidorio Medeiros da.
Da ação à Reflexão: A experiência do Projeto Pulsa Bairro / Lucas Izidorio
Medeiros da Silva. - Recife, 2023.

160 p. : il., tab.

Orientador(a): Izabella Galera
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Arquitetura e Urbanismo -
Bacharelado, 2023.

1. urbanismo. 2. microescala. 3. espaço. 4. intervenção. 5. comunidade. I.
Galera, Izabella . (Orientação). II. Título.

720 CDD (22.ed.)

“(...) se os homens são seres do que fazer, é exatamente porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis. É transformação do mundo. E, na razão mesma em que o que fazer é práxis, todo fazer do que fazer tem de ter uma teoria que necessariamente o ilumine. O que fazer é teoria e prática. É reflexão e ação”

(Paulo Freire)

DA AÇÃO À
REFLEXÃO

Resumo

A produção do espaço urbano pode ser estudada e planejada a partir de diversas escalas. Orientando o estabelecimento dos limites administrativos, a exemplo de ruas, bairros, cidades, distritos, estados, regiões etc., essas grandezas são fundamentais para pensar e executar o planejamento de um espaço, a partir do qual, a depender do recorte e dos objetivos propostos, aplicam-se diferentes soluções. Quanto maior a escala em que se atua, mais complexas ficam as relações e dinâmicas existentes, por isso as soluções acabam, muitas vezes, distanciando-se da população e da identidade do território. Esse afastamento é reforçado pela ausência de canais de participação social nas tomadas de decisão, pela limitação de recursos e pelos curtos prazos disponíveis. Com base nessas premissas, a pesquisa traz uma reflexão acerca dos resultados e desdobramentos do Projeto Pulsa Bairro, realizado na Comunidade de Entra Apulso, na Zona Sul do Recife, pelo Coletivo Massapê, do qual o autor deste trabalho é integrante. O projeto é destinado à qualificação de espaços comuns de convivência na localidade, sendo responsável por intervenções urbanas participativas de microescala e de curto prazo. Para fundamentar a observação das atividades realizadas, serão abordados alguns temas transversais ao urbanismo em microescala, como participação social e atuação profissional. O principal objetivo desta análise é contribuir para a diminuição da distância entre o pensamento crítico, mais especificamente o relacionado às práticas de microurbanismo no curto prazo, e as ações transformadoras dos espaços urbanos. O trabalho se dividirá em três partes: descrição e contextualização do projeto Pulsa Bairro, abordagens teóricas sobre microurbanismo e temáticas transversais e análise do processo e das ferramentas utilizadas para a realização das atividades.

Palavras-chave: urbanismo, microescala, espaço, intervenção, comunidade.

Abstract

The urban space's production can be studied and planned from various scales. Guiding the establishment of administrative boundaries, such as streets, neighborhoods, cities, districts, states, regions etc., these magnitudes are fundamental for the space's planning, from which, depending on the scope and proposed requirements, different solutions are applied. The larger the scale, the more complex the relationships and dynamics, which is why the solutions' thinking often end up apart from the population and the territory's identity. This distance is increased by the lack of channels for social participation in decision-making, the resource limitations and the short deadlines available. Based on these premises, the research provides a reflection on the Pulsa Bairro Project's results and implications, executed in the Entra Apulso Community, located in Recife (Pernambuco, Brazil), by the Coletivo Massapê, of which this work's author is a member. The project aims to improve common living spaces in the area and is responsible for participative microscale and short-term urban interventions. To substantiate the activities' observation, some correlated themes in microubanism study, such as social participation and professional involvement, will be indicated. The main purpose of this analysis is the reduction of the distance between critical thinking, specifically the one related to short-term microubanism practices, and transformative actions in urban spaces. The research will be divided into three parts: description and contextualization of the Pulsa Bairro Project; theoretical thoughts on microubanism and correlated topics and, lastly, the analysis of the group's methods and the used materials in activities.

Keywords: Urban planning, microscale, space, intervention, community.

13	INTRODUÇÃO
14	O urbanismo emergente e novos paradigmas da atuação de arquitetos e urbanistas
19	Objetivos e Metodologia do trabalho
22	1. DESCRIÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROJETO PULSA BAIRRO
24	1.1 Comunidade de Entra Apulso, em Boa Viagem, no Recife
33	1.2 O Coletivo Massapê
35	1.3 O projeto
44	1.3.1 Ciclo Aproximação
68	1.3.2 Ciclo Fazendo Lugares Juntos
96	2. DISCUSSÕES TEÓRICAS ACERCA DA MICROESCALA E SUAS TEMÁTICAS TRANSVERSAIS
97	2.1 A produção do espaço urbano na microescala
103	2.2 A urgência: tática <i>versus</i> estratégia
106	2.3 Conceitos e abordagens de microescala
108	2.3.1 Urbanismo Tático
114	2.3.2 <i>Placemaking</i>
119	2.3.3 Urbanismo Colaborativo
124	2.4 Processos dialógicos e o papel do arquiteto e urbanista
130	3. ANÁLISE DO PROCESSO REALIZADO NO PROJETO PULSA BAIRRO
131	3.1 Método e ferramentas adotados no Projeto Pulsa Bairro
135	3.1.1 Método
136	3.1.2 Estratégia
137	3.2 A colaboração dos moradores e o papel do arquiteto
137	3.2.1 Aproximação
140	3.2.2 Fazendo Lugares Juntos
143	3.3 Análise dos resultados das intervenções realizadas
144	3.3.1 Mobiliários
145	3.3.2 Sinalização
146	3.3.3 Arte urbana
149	4. ACÚMULO DE APRENDIZADOS
152	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS





INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Nos últimos seis anos, minha jornada acadêmica e profissional tem sido profundamente influenciada e enriquecida pelas experiências que compartilhei atuando junto ao Coletivo Massapé. Essa colaboração não apenas ampliou minha compreensão do papel de arquitetos e urbanistas na sociedade contemporânea, mas também inflamou uma inquietação pessoal que agora se torna o ponto central deste trabalho.

Com a participação em projetos que se espalharam em diversas comunidades, pude testemunhar de maneira íntima a multiplicidade de modos de vida que compõem o tecido urbano. Isso ampliou minha percepção sobre a riqueza dos detalhes da vida cotidiana, que estão entrelaçados nos contextos culturais singulares de cada localidade, e é essa intersecção entre a ação e a reflexão que se torna o cerne desta pesquisa.

O objetivo do trabalho é realizar uma análise crítico-teórica dos processos práticos em que estive imerso, em consonância com o conceito de ação-reflexão-ação introduzido por Paulo Freire. Esse movimento cíclico, fundamental na pedagogia freiriana, representa um movimento contínuo de aprimoramento, no qual a teoria e a prática se entrelaçam de forma indissociável. Ao aplicar tal abordagem aos processos projetuais, busco não apenas iluminar as nuances da minha própria prática, mas contribuir para a evolução do Coletivo Massapé e, em última instância, para a construção de processos mais democráticos.

Explorarei as complexas interações entre teoria e prática, assim como as dinâmicas entre arquitetura, urbanismo e sociedade. Ao fazê-lo, espero contri-

buir para uma visão mais holística e inclusiva da cidade, na qual a diversidade seja celebrada e os saberes locais sejam reconhecidos como elementos essenciais na construção de comunidades resilientes e sustentáveis. Faço, portanto, um convite à reflexão e à ação em busca de uma cidade que verdadeiramente abrace a riqueza de sua própria diversidade e da vida cotidiana.

O urbanismo emergente e novos paradigmas da atuação de arquitetos e urbanistas

O conceito de urbanismo emergente faz referência ao que está surgindo, aparecendo ou se tornando evidente em meio à produção da cidade através de processos *bottom-up*¹. Nesse campo de atuação, as experimentações urbanas realizadas por cidadãos comuns ou grupos organizados estão frequentemente relacionadas. Para Juan Freire (2009), o emergente surge em grande medida de forma auto-organizada, como consequência da interação e da colaboração de grandes e diversos grupos humanos.

1. O processo *bottom-up* se refere a uma abordagem descentralizada e participativa, na qual as decisões e ações são tomadas a partir da base, ou seja, pelas pessoas diretamente afetadas ou envolvidas no problema ou contexto em questão.

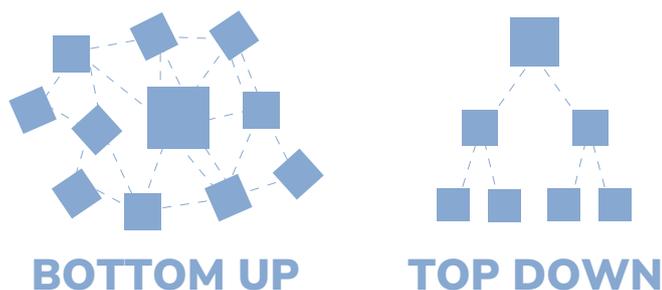


Figura 3 - Diagrama bottom-up/top down

O urbanismo emergente opõe-se, ou pelo menos complementa, ao planejamento urbano convencional. O emergente surge, em grande medida, de forma auto-organizada, como consequência da interação e colaboração de grandes e diversos grupos humanos, como aqueles que habitam as cidades. Neste sentido, a participação cidadã surge como motor do processo, mas entendida não apenas como debate e deliberação, mas sobretudo como ação direta na “construção” da cidade. FREIRE, J. (2009)

A experimentação representa uma abordagem essencial para lidar com a crescente complexidade das cidades, buscando alternativas, no planejamento urbano, que possam incorporar o que emerge no espaço coletivo. Essa prática promove novas descobertas nos territórios, permitindo a reinterpretação e a reinvenção criativa dos espaços, além de estimular a cocriação e a participação ativa da comunidade na construção do ambiente urbano.

Surgiram, nos últimos anos, diversas manifestações associadas a esse tipo de abordagem, com diferentes terminologias e conceitos. O que elas têm em comum é o fato de serem processos que ocorrem de “baixo para cima”, ou seja, o cidadão ou grupos organizados se tornam participantes ativos no planejamento e na construção da cidade.

O desenvolvimento de experimentações e intervenções que ocorrem de “baixo para cima” na cidade é, muitas vezes, motivado por demandas do presente e da vida cotidiana que estão diretamente conectadas com a população.

Essas novas práticas urbanas emergem em meio a um movimento mais amplo que também repensa as formas de organização do trabalho em várias profissões, incluindo o urbanismo (Britto, 2019).

Somado ao surgimento dessas novas práticas urbanas, vemos um movimento no sentido de repensar as formas de organização do trabalho em diversas profissões, inclusive na arquitetura e no urbanismo. As pessoas passaram a se organizar sob outras formas de trabalho e ativismo, como os coletivos, grupos formados pela união de pessoas em torno de um interesse ou causa comum que são caracterizados por organizações internas mais horizontalizadas e menos burocráticas. (BRITTO, Pedro. 2019, p.75)

Segundo o autor, as novas organizações de trabalho fomentam uma atuação mais próxima das questões sociais, uma vez que os profissionais passam a integrar grupos e redes em torno de um interesse comum. Neles, estão presentes integrantes de movimentos sociais e profissionais de outros campos do conhecimento (Britto, 2019).

Esse movimento aproximou os arquitetos e urbanistas de outras perspectivas sobre as questões urbanas e sobre as demandas sociais. O contato mais direto com movimen-

tos sociais aproximou a profissão de uma abordagem ativista como forma de responder aos problemas urbanos. (BRITTO, Pedro. 2019, p.75)

A atuação em conjunto de grupos sociais e cidadãos comuns, juntamente com profissionais e técnicos que se aproximaram das demandas sociais, revela um potencial significativo para a transformação das cidades. Essa colaboração entre diferentes atores com interesses em comum tem se mostrado uma abordagem poderosa para enfrentar os desafios urbanos contemporâneos. A aproximação dos grupos profissionais de técnicos e especialistas, como arquitetos e urbanistas, com as demandas emergentes é um reflexo de uma mudança de paradigma para a atuação profissional.

Cada vez mais, esses profissionais têm reconhecido a importância de trabalhar em estreita colaboração com as comunidades locais, compreendendo que suas habilidades técnicas e conhecimentos especializados podem ser mais eficazes quando aliados às perspectivas e experiências da população. A parceria entre conhecimento técnico e conhecimento vivencial, oriundo dos habitantes do território, resulta em uma “síntese cultural²” única. A presença de arquitetos e urbanistas comprometidos com uma atuação mais próxima e sensível às demandas sociais pode fortalecer ações no território e estimular experimentações inovadoras.

2. Conceito apresentado por Paulo Freire no livro “Comunicação ou Extensão” que se refere ao processo de fusão ou combinação de conhecimentos ou elementos culturais distintos, como valores, tradições, práticas e crenças. Ocorre quando diferentes grupos ou indivíduos entram em contato e interagem uns com os outros, mais especificamente entre o técnico e o não técnico.

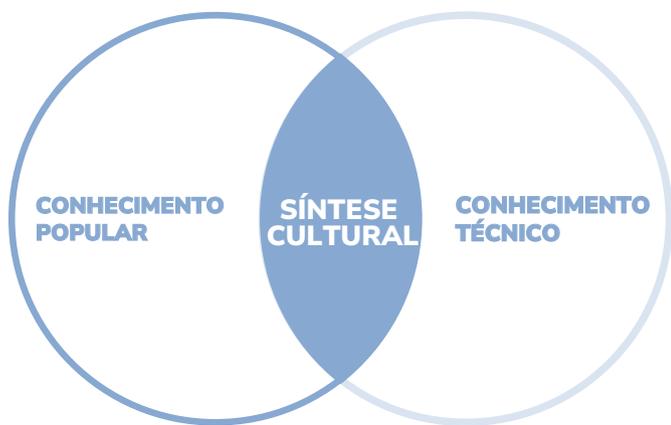


Figura 4 - Conhecimento vivencial e técnico (síntese cultural)

Considerando a colaboração proposta, torna-se fundamental que o processo de produção urbana utilize ferramentas apropriadas para o diálogo entre especialistas e a população a partir de instrumentos que favoreçam uma comunicação de qualidade. Um diálogo que aproveite o saber técnico e valorize a cultura da população do território é capaz de tornar o conhecimento e o processo de fazer cidades uma verdadeira síntese entre esses dois eixos.

O diálogo faz parte dos relacionamentos em sociedade e deveria estar inserido nos processos de participação e produção da cidade. Levando em conta esse aspecto, quais mecanismos ou ferramentas são criados para resgatar a interlocução entre especialistas e a população? Tais ferramentas consideram o saber dos cidadãos ou são apenas instrumentos de legitimação das soluções

técnicas previamente escolhidas? O processo de diálogo favorece uma conscientização dos sujeitos por meio do empoderamento e da problematização da realidade que estão inseridos ou mantém os sujeitos restritos a participações pontuais, em que não podem exercer e aproveitar o seu conhecimento a respeito do território? Esses são alguns questionamentos importantes que o trabalho busca compreender a partir de um estudo de caso.

Objetivos e Metodologia do trabalho

É no contexto de escala local, ou seja, do microurbanismo, com ações táticas para demandas urgentes mediante a atuação conjunta de especialistas e da população em geral, que esta pesquisa pretende analisar o processo de intervenções urbanas participativas em microescala. Utilizando o estudo de caso como recurso, serão observadas as atividades do escopo do Projeto Pulsa Bairro, realizado na Comunidade de Entra Apulso, no bairro de Boa Viagem, no Recife, capital pernambucana.

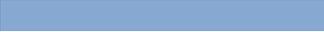
O foco é compreender os desafios e aprendizados relacionados à prática do microurbanismo, promovendo reflexões que contribuam para a redução da distância entre o pensamento crítico e as ações transformadoras dos espaços urbanos. Os objetivos específicos do estudo foram divididos em três etapas para uma análise abrangente:

Descrição e contextualização do Projeto Pulsa Bairro, destacando suas principais características, finalidades e resultados. Isso permitirá um entendimento aprofundado acerca da iniciativa e da sua relevância no contexto da Comunidade de Entra Apulso.

Discussão teórica a respeito do microurbanismo, abordando conceitos e práticas relacionados à intervenção urbana em microescala, bem como identificando e explorando as contradições presentes neles. Isso fornecerá um embasamento teórico sólido para a análise das intervenções participativas em microescala. Também serão exploradas temáticas transversais ao microurbanismo, como participação social, e atuação de arquitetos e urbanistas em ações participativas. Tais aspectos são fundamentais para o entendimento do impacto das intervenções urbanas participativas na comunidade e de como a identidade local e a participação ativa dos moradores podem influenciar no seu sucesso.

Análise detalhada do processo e das ferramentas utilizadas pelo Coletivo Massapê no Projeto Pulsa Bairro, identificando os desafios enfrentados, as soluções adotadas e os resultados alcançados.

Para alcançar os objetivos propostos, será realizada uma pesquisa documental e bibliográfica. A parte documental envolverá a análise de relatórios, registros e materiais disponíveis sobre o Projeto Pulsa Bairro, que permitirá a descrição e a contextualização detalhadas do projeto. A revisão bibliográfica abrange temas como microurbanismo, participação social, experimentações urbanas e atuação de técnicos e não técnicos, com foco no trabalho de arquitetos. Essa revisão será baseada em livros, artigos científicos e outras fontes confiáveis, a fim de embasar as discussões teóricas. Sendo assim, a análise geral da pesquisa será fundamentada nos relatórios e registros do Projeto Pulsa Bairro.



Capítulo 01

DESCRIÇÃO E CONTEXTUALI- ZAÇÃO

DO PROJETO
PULSA BAIRRO

@ArtLibertla · @WesleyOrbea · @AfroG.Arte
2021

ENTRA
PULSO

ME CONTA
A TUA
HISTÓRIA



1950



1.1 Comunidade de Entra Apulso, em Boa Viagem, no Recife



Imagem 6: mapa com a localização da Comunidade de Entra Apulso.

A comunidade de Entra Apulso, localizada no bairro de Boa Viagem, na Zona Sul do Recife, em Pernambuco, é um exemplo de resistência em um contexto urbano de intensas pressões do mercado imobiliário formal. Entra Apulso foi oficialmente reconhecida como Zona Especial de Interesse Social (Zeis)

em 1988, por meio da Lei Municipal de Uso e Ocupação do Solo, após a regulamentação do Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (Prezeis)³. A comunidade está inserida em uma área de intensa valorização imobiliária e só garantiu sua permanência graças a uma intensa mobilização popular contra tentativas de remoção.

Boa Viagem é um bairro praticamente rodeado por arranha-céus e casas de alto padrão. A localização estratégica de Entra Apulso, próxima à Praia de Boa Viagem e ao Shopping Center Recife, é um fator crucial para entender a conjuntura em que está inserida. É um espaço urbano dinâmico e vibrante, onde a intensa vida cotidiana se desenrola em meio ao trânsito de pedestres e ciclistas, à presença de crianças brincando nas ruas, à forte relação de vizinhança e a um comércio pulsante. Essas atividades urbanas são reflexos da própria cultura e da história dos moradores, que contribuem para a identidade única da comunidade.

A origem do nome “Entra Apulso” remonta aos primeiros momentos de ocupação da área. Entre as muitas adversidades que os moradores enfrentaram, estava a de construir seus barracos durante a noite e vê-los serem removidos no dia seguinte. A persistência para se manter no território inspirou seu nome e simboliza a força coletiva que garantiu a permanência e a proteção dos direitos de seus habitantes.

Mas o seu processo de ocupação teve início décadas antes, em meados dos anos 1930, na área onde hoje está localizada a Rua Bruno Veloso. Esta área, naquele momento, tomada pelo mangue, passou a ser utilizada como fonte de renda e sobrevivência para muitas pessoas que vinham do interior do estado de Pernambuco em busca de novas

3. O Plano de Regularização das Zonas Especiais de Interesse Social (Prezeis) foi concebido na Cidade do Recife em 1987. Tido como referência para a urbanização de favelas, o Prezeis provocou um redirecionamento das políticas públicas de desenvolvimento urbano e habitacional do Brasil.

oportunidades na cidade do Recife. Curiosamente, a área ficou sendo chamada de “Entra Apulso” em razão da persistência das moradoras e moradores no início do processo de ocupação. Enquanto os barracos que serviam como moradia eram construídos durante a noite, os órgãos do poder público os quebravam durante o dia na tentativa de expulsar a população dali. O processo coletivo de resistência das pessoas, naquele momento, para garantir o seu direito à moradia, possibilitou que um novo capítulo da história da cidade do Recife fosse construído. De lá pra cá, muitas novas lutas foram edificadas, histórias construídas, vínculos criados (...). MASSAPÊ. 2021, p. 13.

Outro aspecto relevante para compreender o contexto da comunidade diz respeito aos conflitos que o território vivencia. Como dito anteriormente, o próprio nome carrega parte dessa história marcada por situações de disputa, e não foi apenas durante o processo de ocupação que a comunidade as vivenciou. Até hoje, é possível identificar as várias formas com que esses enfrentamentos se colocam. Para conceituar o conflito urbano, apresentamos a definição elaborada pelo Observatório de Conflitos Urbanos, projeto vinculado ao Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ):

Entende-se por conflito urbano todo e qualquer confronto ou litígio relativo à infraestrutura, serviços ou condições de vida urbanas, que envolva pelo menos dois atores coletivos e/ou institucionais (inclusive o Estado) e se manifeste no espaço público (vias públicas, meios de comunicação de massa, justiça, representações frente a órgãos públicos etc.). Manifestação coletiva que tenha a cidade como espaço e objeto de suas reivindicações. (OBSERVATÓRIO DOS CONFLITOS URBANOS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, sem data)

De acordo com Santos Junior (2017), os conflitos possuem duas dimensões interligadas: a material e a simbólica. A dimensão material engloba as disputas materiais, como se pode observar na apropriação do solo urbano ou no esforço pelo domínio da produção e do uso da cidade. Nela, os enfrentamentos são impulsionados por interesses diversos e estão relacionados às divisões objetivas do mundo social, a exemplo das desigualdades econômica, de poder e de recursos.

A dimensão simbólica, por outro lado, diz respeito às representações produzidas individual e coletivamente pelos agentes dos conflitos. Refere-se aos significados da vida e das relações, que envolvem os esquemas valorativos e de percepção de cada indivíduo ou grupo. Essas representações mentais, princípios de visão e divisão aplicados à interpretação do mundo, também influenciam a maneira com que eles se apropriam da cidade e participam das

disputas. Em suma, os conflitos simbólicos estão relacionados às estruturas mentais e representações sociais de seus agentes.

Como estão interligadas, ambas as dimensões se influenciam mutuamente. Essa compreensão é essencial para analisar a complexidade dos conflitos urbanos e sociais, bem como desenvolver estratégias adequadas para lidar com eles. A interação entre as duas dimensões, aliás, apresentará expressiva relevância na descrição de parte dos conflitos identificados na comunidade de Entra Apulso.

Segundo Barbosa (2021), as disputas que envolvem Entra Apulso surgiram no final da década de 1920, quando o território ainda era denominado “Mata Sete”. A ocupação da área foi iniciada em um momento de maiores investimentos na Cidade, no qual havia interesse público em expandir o espaço urbano para a Zona Sul. Por ser uma ocupação dispersa e caracterizada pelas relações íntimas entre os moradores, os relatos sobre a origem e os nomes dessas comunidades se emaranharam. Isso fez com que, posteriormente em seu surgimento, Entra Apulso fosse reconhecida como “antiga Mata Sete”, pois muitos moradores eram remanescentes de lá.

O autor evidencia, ainda, um segundo momento de investimentos ocorrido na década de 1950, quando a povoação do Recife se expandiu para o sul com maior velocidade. Nos anos seguintes, surgiram várias ocupações no subúrbio da faixa de praia, onde havia loteamentos aprovados. Com os novos espaços urbanos, nasceram diversos conflitos, cujas características se diferenciavam bastante, mas que apresentavam em comum o alto nível de violência adotado pelo Estado e pelo capital. Isso resultou na completa erradicação de algumas das comunidades iniciais, inclusive a da “Mata Sete” (Barbosa, 2021).

A supressão de grande parte das comunidades é consequência de uma complexa articulação de políticas urbanas intermediadas pelo Estado em colaboração com os interesses do mercado imobiliário, que conduziram a remoção de áreas consideradas por eles “irregulares e insalubres”, além de políticas habitacionais, que realocaram moradores para as periferias da Região Metropolitana. A partir da instalação do Shopping Center Recife no território (2021 apud Barbosa; Cavalcanti, 1990, p. 90), inaugura-se uma nova fase de conflitos em Entra Apulso, o que reforça as ameaças à permanência dos moradores.

Isso pode ser percebido no plano urbanístico do shopping que considerava como legítimos os loteamentos aprovados pela Prefeitura, e não a ocupação que havia de fato, ou mesmo na legislação urbanística (Código de Urbanismo e Edificações, de 1961, e LUOS, de 1983) que ignoram a existência de Entra Apulso. Apesar de já haver discursos por parte da municipalidade de urbanização e legalização da posse da terra no começo da década de 1980, essa proposta estatal não chegou a todas as comunidades da mesma forma. Ao mesmo tempo em que isso acontece, como Cavalcanti (1990) registra, a postura inicial por parte do Shopping Center Recife foi de invisibilizar e criar barreiras entre o empreendimento e Entra Apulso. O “Muro de Berlim”, ou a muralha formada por cercas e anúncios publicitários, cumpriu por muito tempo esse papel de esconder a favela dos olhos do público do novo centro de compras. BARBOSA, Pedro E. C. (2021. p. 143)

Ao longo da década de 1980, Entra Apulso vivenciou transformações espaciais significativas, iniciadas a partir da inauguração do Shopping Center Recife (SCR). O início da construção do estabelecimento, ainda no final dos anos 1970, e a criação de vias de acesso ao shopping impulsionaram o mercado imobiliário do entorno, agravando os conflitos fundiários já existentes, explicitados anteriormente neste trabalho.

Nesse cenário, a comunidade se uniu por meio da Associação de Moradores para encontrar uma estratégia coletiva de luta pela permanência no local. Essa resistência organizada resultou na comunidade sendo a pioneira a se tornar uma Zeis, dentro do contexto do Prezeis, que foi institucionalizado no Recife em 1987 devido às reivindicações de movimentos sociais (Barbosa, 2012. p. 107).

O conflito que envolveu os moradores de Entra Apulso e os responsáveis pelo Shopping Recife, não apenas estava relacionado à proposta de expansão do empreendimento, que ignorava a existência da comunidade e buscava evitar que seus clientes tivessem qualquer tipo de contato com ela por meio da construção de um muro, mas também refletiu uma significativa diferença na forma com que ambos os atores valorizam e se apropriam do espaço público. Enquanto a comunidade enxergava e se apropriava do espaço urbano como uma área ocupada para a sua vida cotidiana, caracterizada por relações de vizinhança, comércios voltados para a rua e convivência comunitária, o shopping se destacou como um local concentrador de funções, promovendo um movimento urbano que favorece o uso de espaços privados para a convivência e encoraja o uso do carro como meio de acesso às suas instalações.

Está nascendo uma nova cidade que busca se inserir nos circuitos modernos do consumo. O shopping, enquanto edifício concentrador de funções, encontra em Boa Viagem condições urbanísticas favoráveis das quais se destacam as grandes avenidas, os grandes terrenos “vazios” e a possibilidade de uma externalidade de vizinhança cada vez mais exclusiva-excludente (BARBOSA, Pedro E. C. 2021. p. 107)

Em 2007, surge o Instituto Shopping Recife (ISR), fruto do amadurecimento das discussões internas em torno dos conflitos gerados após a instalação do centro comercial e a sua relação com a comunidade vizinha. Segundo o site do Shopping Recife, o instituto tem como missão proporcionar formação empreendedora e profissional para a empregabilidade de jovens e adultos habitantes do entorno do empreendimento e apoiar ações que promovam o desenvolvimento local de Entra Apulso. A organização possui sede própria dentro da comunidade e, de acordo com o Relatório de Sustentabilidade publicado pela Revista Negócios PE (2010), desenvolve suas ações com base em três eixos de atuação: a formação para o trabalho, a construção da rede de entidades sociais da comunidade e o apoio à educação.

Apesar de a iniciativa ser um importante instrumento para a redução dos impactos gerados pela construção na área e de fornecer uma mediação entre esses atores em meio aos diversos conflitos existentes, cabe destacar que o instituto é uma organização vinculada ao Shopping Recife e depende direta-

mente de seus recursos. Da mesma forma, podemos apontar os investimentos e ações realizados pelo ISR, cujos desenho e prioridade são produzidos a partir da sua necessidade de atender às demandas que julgam necessárias, fundamentando-se em dados ou não. Essa condição atribui uma posição de passividade à população de Entra Apulso e o poder público quanto à priorização de reivindicações e ao planejamento das iniciativas.

Ainda que seja fácil identificar uma forte parcialidade na relação do instituto com o shopping, a situação é complexa, visto que o ISR possui vários moradores da comunidade atuando profissionalmente na organização. Além disso, a instituição executa uma série de processos de mobilização e articulação entre a população local e o poder público, o que a torna uma referência de equipamento assistencial para os habitantes de Entra Apulso.

Com essas nuances, diversas análises poderiam ser feitas para aprofundar a compreensão acerca das contradições presentes no vínculo criado entre o Shopping Recife e a comunidade, mas elas não serão abordadas neste trabalho devido ao tempo e ao objetivo proposto para a sua execução. De qualquer forma, alguns questionamentos podem ser evidenciados.

Em primeiro lugar: seria a criação do instituto um meio de desmobilização da organização comunitária a partir de uma relação assistencialista que, ao responder demandas pontuais, diminui, aos poucos, a relação de conflito extremamente prejudicial para a imagem do Shopping Recife? Seria possível, ainda, atribuir à instituição uma posição de poder no território, de forma a diminuir a influência dos moradores e do governo? Por outro lado, seria o ISR um agente evidenciado pela ausência do poder público em responder às demandas estruturais locais? Por fim, como a organização poderia gerar autonomia e poder de decisão para a população de Entra Apulso quanto ao planejamento das ações lá executadas, e como os recursos da instituição seriam destinados ao território?



Imagem 7: Equipe do Coletivo Massapê

1.2 O coletivo Massapê

O Coletivo Massapê é um grupo de estudantes e profissionais de arquitetura e urbanismo originado no final de 2016, no calor dos movimentos estudantis que sacudiram o cenário acadêmico brasileiro. Naquele momento, em resposta à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) nº 55, que congelou os investimentos em educação e saúde por duas décadas, os estudantes univer-

sitários ocuparam o Centro de Artes e Comunicação (CAC) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) como forma de protesto e mobilização. Inspirado nas vivências do levante, o Massapê nasceu com a energia compartilhada de amigos que possuíam a mesma intenção: fazer da arquitetura e urbanismo um instrumento de transformação social.

No início, o grupo não possuía objetivos consolidados, apenas uma série de inquietações em comum que o levou a práticas experimentais na cidade. Uma das principais motivações foi a de repensar os processos tradicionais, frequentemente caracterizados pelas relações hierárquicas e pela centralização das decisões nas mãos dos arquitetos.

O Coletivo Massapê se propôs, então, a um desafio audacioso: fazer parte de processos emergentes e construir um vínculo entre os seus membros (profissionais em formação) e as pessoas dos territórios urbanos. A partir da inclusão de saberes que, muitas vezes, são negligenciados na produção das cidades, promover a participação social nos processos tornou-se um grande propósito.

O Massapê não era o único grupo voltado ao cenário urbano do Recife naquele momento. Vários outros movimentos se uniram em prol dessas questões. Grupos de arquitetos e urbanistas, juntamente com a sociedade civil organizada, emergiram para discutir, ocupar e intervir em espaços urbanos. Iniciativas como a Horta Comunitária de Casa Amarela e o Jardim Secreto no Poço da Panela, do Instituto Casa Amarela Saudável e Sustentável, evidenciaram uma busca por alternativas de uso dos espaços urbanos a partir da ação da sociedade civil organizada. Além disso, movimentos como o Ocupe Estelita e a criação de grupos online de mobilização cidadã, como o Direitos Urbanos, no Facebook, demonstraram um crescente engajamento com relação às questões urbanas, o que contribuiu para a efervescência do debate sobre a cidade (Britto, 2019).

Inserido nesse contexto, o Coletivo Massapé também se engajou e tomou como missão, não apenas transformar os espaços urbanos, mas criar uma conexão mais profunda entre arquitetura, urbanismo e sociedade. Em 2021, o grupo se fortaleceu e se consolidou como organização social a partir da sua institucionalização como entidade jurídica, o que viabilizou a construção e a participação em diversos projetos.

1.3 O Projeto Pulsa Bairro



Imagem 8: Fotografia do Projeto Pulsa Bairro

O Pulsa Bairro é fruto de um amplo processo de diálogo, descobertas e construção de vínculos para a realização de um diagnóstico territorial e de microintervensões urbanas em áreas de convivência pertencentes à comunidade de Entra Apulso. O trabalho pode ser descrito como uma iniciativa do Instituto Shopping Recife, instituição que atua em educação, profissionalização, cultura e esportes, convivência comunitária, saúde e meio ambiente dentro da localidade, com realização do Coletivo Massapê, organização social que opera no campo compartilhado entre urbanismo, arquitetura e ativismo para a valorização dos espaços públicos, da cultura e da identidade local através da colaboração e da articulação entre os diferentes atores urbanos do território.

A iniciativa do projeto surgiu a partir da obra de saneamento realizada pela Prefeitura do Recife, por meio da Autarquia de Manutenção e Limpeza Urbana (Emlurb), na qual foram investidos cerca de R\$ 2,5 milhões na implantação de redes de esgoto e drenagem e na pavimentação de ruas e vielas. Anteriormente, o local possuía esgoto a céu aberto e, desta forma, enfrentava desafios diários relacionados ao deslocamento, muitas vezes percorrendo caminhos difíceis e inseguros. Além disso, a saúde da comunidade estava em risco devido a condições inadequadas e insalubres nos seus caminhos.

Com a obra, as ruas e becos de Entra Apulso passaram a ter uma infraestrutura que permitiu o melhor uso desses espaços para as atividades cotidianas, fazendo a comunidade se apropriar mais deles, criando novos pontos de convivência e ocupando os já existentes. Tornou-se evidente, desse modo, a necessidade de qualificação dos ambientes como forma de potencializar a sua utilização.

Foi nesse momento que o Instituto Shopping Recife entrou em contato com o Coletivo Massapê para a realização de um processo participativo na comuni-

dade de Entra Apulso de forma a identificar possíveis espaços de convivência e, posteriormente, intervir nestes, qualificando-os. Algumas definições foram importantes para situar a proposta feita pelo Massapê, como a urgência e o curto prazo estimado para a realização das intervenções e o baixo recurso disponível para a execução das atividades. Assim, o Pulsa Bairro se caracterizou como um projeto de microubanismo, com curto prazo e baixo custo, em que seriam realizadas intervenções táticas com o objetivo de qualificação dos espaços de convivência comunitária. Dentre os atores urbanos que participaram do processo, estão o Instituto Shopping Recife (ISR), o Coletivo Massapê, os moradores da comunidade, o poder público, as instituições e organizações locais e os grupos de educação ambiental.

- **Instituto Shopping Recife (ISR):** organização social que desenvolve ações com base em três eixos de atuação: formação para o trabalho, construção da rede de entidades sociais da comunidade e apoio à educação. A organização teve o papel de financiador e idealizador das intervenções, além de assumir o papel de articulador e mobilizador local por sua forte relação com alguns equipamentos presentes na comunidade, representantes da comunidade e moradores no geral. Também foram responsáveis por avaliar e validar o processo desenhado para o projeto.

- **Coletivo Massapê:** organização social cujo objetivo principal foi desenhar, coordenar e realizar o processo e as atividades do Projeto Pulsa Bairro. A instituição ficou responsável pela responsabilidade técnica, montando uma equipe interdisciplinar, e pelos métodos e instrumentos de coleta realizados durante o projeto, além de ser responsável pelo desenho e pela implementação das soluções do projeto.
- **Moradores da comunidade:** atores fundamentais para o processo, participando dos momentos de levantamento de informações sobre a comunidade, identificação de demandas existentes e fornecimento de conhecimentos referentes ao território.
- **Poder público:** não esteve envolvido diretamente nas ações do projeto, tendo sua participação provocada em algumas etapas do processo, com o objetivo de resolução de demandas levantadas pelos moradores que o projeto não tinha como foco, a exemplo da melhoria da iluminação, da qualificação de calçadas e da limpeza urbana.

- **Instituições e organizações locais:** participaram de forma pontual, sendo elas a Rede de Microempreendedores de Entra Apulso (REME), a Creche Comunitária Nossa Senhora da Boa Viagem, a Unidade de Saúde da Família - Jader de Andrade, o Projeto Sinal e a Associação de Moradores.
- **Grupos de educação ambiental:** o Coletivo Kapiwara e os educadores ambientais Felipe Melo e Lika Souza foram atores importantes na elaboração de conteúdos e na participação em oficinas relacionadas à educação ambiental. Ocorreu, ainda, a formação do grupo Chié do Entra em meio ao processo do Projeto Pulsa Bairro, que foi incluído nas ações de implementação de soluções nos ambientes urbanos, principalmente nas funções relacionadas à conscientização sobre o lixo e ao plantio e manutenção da horta comunitária.

Como base metodológica para os processos participativos no ambiente urbano, o Coletivo Massapê possui uma aplicação dividida em três ciclos, nomeados Aproximação, Fazendo Lugares Juntos e Visão de Futuro. Compreendendo que a participação é o pilar fundamental da execução de projetos que

visam a alcançar uma cidade mais justa e inclusiva, os chamados Ciclos de Engajamento possuem tal definição porque têm o objetivo principal de envolver a comunidade de maneira completa no reconhecimento, na tomada de decisão, na implementação e na responsabilização pelo espaço urbano, possibilitando o diálogo e buscando garantir o comprometimento e o engajamento nas atividades propostas. Os ciclos podem ser aplicados de forma conjunta ou individualmente, não comprometendo os objetivos específicos de cada um deles.



Imagem 9: Método Ciclos de engajamento.

O Ciclo Aproximação possui como escopo a realização da investigação aprofundada do território, com a participação ativa dos atores locais, visando a compreender as questões urbanas em um processo de inclusão e escuta. Para isso, são propostas atividades pautadas em entrevistas, aplicação de questionários, rodas de diálogo e outras ferramentas de abordagem participativa entre moradores e equipe técnica envolvida.

O segundo ciclo, Fazendo Lugares Juntos, tem o foco de implementar soluções pensadas com e para a comunidade, com atividades empenhadas na concepção de projeto e na sua construção. Ele é desenvolvido a partir das demandas pontuais das oficinas ou das trazidas pela análise das informações coletadas no Ciclo Aproximação. A implementação das soluções é antecedida de um processo de validação do projeto proposto pelos atores locais e executada com o envolvimento da comunidade por meio de mutirões e/ou pela contratação de equipe local.

Por fim, o Ciclo Visão de Futuro concretiza a principal concepção coletiva de um plano de gestão do espaço criado no território, a partir da pactuação de acordos de manutenção e da previsão de possíveis desdobramentos para o referido local. Essa etapa objetiva construir uma corresponsabilidade sobre o ambiente construído a partir das diversas atribuições dos atores envolvidos e uma constante avaliação do uso do espaço para se adequar às mudanças de dinâmica do território.

O Projeto Pulsa Bairro efetivou a implementação dos dois primeiros ciclos propostos pela metodologia do Coletivo Massapê, o Ciclo Aproximação, que foi executado em 9 meses (entre agosto de 2020 e maio de 2021), e o Ciclo Fazendo Lugares Juntos, concluído após 2 anos e 2 meses (entre novembro de 2020 e dezembro de 2022). O terceiro ciclo não foi desenvolvido devido à falta de interesse e de recursos do ISR.

Como estratégia de implantação do projeto, a fim de viabilizar a execução do processo de forma faseada, foi desenhada uma divisão da comunidade em quatro partes, denominadas de Área 01, Área 02, Área 03 e Área 04. As nomenclaturas e a divisão das áreas não condizem com as denominações locais e apenas foram utilizadas para viabilizar financeiramente a execução do projeto e nortear as fases de realização dos ciclos Aproximação e Fazendo Lugares Juntos.



Imagem 10: Mapa das áreas do projeto

As duas etapas contempladas pelo projeto Pulsa Bairro foram conduzidas de forma simultânea: enquanto o Ciclo Aproximação se desenvolvia em uma área, o Ciclo Fazendo Lugares Juntos era implementado na área onde o primeiro havia sido aplicado. Essa estratégia de encadeamento de ações foi importante por três motivos: mobilização da comunidade e promoção de engajamento com a continuidade das ações; evitar a frustração de expectativas dos moradores nas áreas que ainda não haviam sido contempladas no processo; e viabilizar financeiramente o projeto a partir da divisão em produtos.



Imagem 11: Fotografia de Dona Rita em frente a sua casa.

1.3.1 Ciclo Aproximação

No projeto Pulsa Bairro, as ferramentas e estratégias utilizadas foram pensadas com o objetivo de fomentar uma participação ativa e efetiva da população. Tendo em vista que parte do seu desenvolvimento aconteceu durante a pandemia da covid-19, algumas adaptações foram tomadas para prevenir o contágio do vírus, como o uso de máscaras em reuniões presenciais, atividades em espaços abertos, distanciamento social, limitação da quantidade de participantes por reuniões e ampliação do número de encontros. O Ciclo Aproximação contou com participação direta e indireta de mais de mil pessoas que se envolveram com o processo de diferentes maneiras (Massapê, 2022).



Imagem 12: Bar da Covid

Para fins de pesquisa e análise das informações colhidas, o Coletivo Massapê se baseou na metodologia de inventários participativos do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2016) na definição das categorias de apoio à coleta e à análise de informações sobre a comunidade. São elas: o perfil da comunidade; o lugar; as memórias; as formas de expressão e as celebrações; e os saberes locais. Todo o trabalho investigativo dentro do Ciclo Aproximação foi direcionado com base nesses cinco eixos. A seguir, uma breve explicação sobre cada um deles, conforme publicação do Coletivo Massapê (2022):

■ O Perfil da Comunidade

O perfil da comunidade passa por reconhecer quem faz Entra Apulso, entendendo aspectos de gênero, raça, idade, tempo de moradia etc. É compreender as diversas identidades individuais que ajudam a formar a identidade coletiva desse lugar.

■ O Lugar

Compreender Entra Apulso enquanto lugar diz respeito a reconhecer não apenas os espaços que lhe formam, mas, sobretudo, a relação de seus moradores com o território, em suas diferentes dimensões.

■ **As Memórias**

As memórias são relativas a eventos, momentos históricos e lembranças de uma comunidade, tendo marcado a trajetória coletiva de um grupo de pessoas e permanecendo viva em sua história.

■ **As formas de expressão e as celebrações**

As celebrações dizem respeito às festas comunitárias, que envolvem uma articulação coletiva e podem integrar diferentes gerações e as formas de expressão se referem às manifestações culturais e artísticas, como grupos de dança e música.

■ **Os Saberes Locais**

Os saberes de um lugar dizem respeito a conhecimentos e práticas da produção da vida cotidiana e sua transmissão entre as gerações. (MASSAPÊ, 2022, pg. 23)]

■ Ferramentas utilizadas no Ciclo Aproximação

Quanto à aplicação dos questionários, ela foi feita por moradoras e moradores da comunidade, em sua maioria jovens, que atuaram na função de monitores, e receberam uma bolsa de pesquisa para o desenvolvimento da atividade. A ferramenta teve duas versões, a primeira com 42 questões, aplicada nas Áreas 01 e 02, compreendendo as temáticas da metodologia inspirada no IPHAN e alguns tópicos relacionados à educação ambiental, já que a obra de saneamento ocorrida na comunidade era um ponto chave a ser discutido. Esse piloto tinha questões objetivas e discursivas, que possibilitaram o levantamento de dados quantitativos e qualitativos. Após a aplicação nas duas primeiras áreas, o questionário foi revisado a fim de aprimorar a metodologia de pesquisa, reformulando as questões que resultaram em um modelo de 57 perguntas. A aplicação total da ferramenta resultou em 940 questionários, respondidos nas 4 áreas de intervenção.



Imagem 13: Fotografia do Questionário sendo aplicado

A partir da incursão dos pesquisadores e das pesquisadoras na comunidade para a aplicação do instrumento do questionário, foi produzido um levantamento georreferenciado da comunidade, conforme a disposição mais atualizada dos usos e das ocupações do território. O levantamento resultou em mapas temáticos com informações especializadas da comunidade.



Imagem 14: Fotografia de pesquisadores com mapas

Tirando proveito do capital humano do projeto, outra ferramenta utilizada no Ciclo Aproximação foi o diário de campo, cujo objetivo foi documentar as

saídas dos pesquisadores para uma maior percepção da rotina de entrevistas e o registro de possíveis elementos da vida cotidiana não captados pelo questionário. A manutenção de um diário desempenhou um papel etnográfico, através do qual foi possível compreender temáticas frequentes que escaparam da abordagem com outros instrumentos.



Imagem 15: Fotografia de pesquisadores anotando em campo

A ferramenta do WhatsApp, aplicativo largamente utilizado pelas pessoas da comunidade para comunicação instantânea, também foi explorada como elemento remoto de investigação no Ciclo Aproximação. Funcionando como um canal de diálogo entre os residentes de Entra Apulso e a equipe do projeto, foram recebidos vídeos, fotos e narrativas por escrito com o intuito de localizar e ilustrar os pontos permeados pela memória e as formas de expressão e celebração da comunidade. Isso permitiu a priorização da voz, das ideias e da vivência dos moradores, como parte do levantamento de locais passíveis de intervenção. Nesse sentido, foram indicadas três frases norteadoras a serem completadas:

- **Lugar:** “Meu lugar preferido no espaço público de Entra Apulso é...”

- **Memória:** “Se eu pudesse resumir Entra Apulso em uma foto, seria...”

- **Celebrações e formas de expressão:** “O melhor lugar em Entra Apulso para me encontrar com os meus amigos e familiares é...”



Imagem 16: Fotografia dos lambe-lambes colados

Por fim, as entrevistas compreensivas foram ferramentas utilizadas como complemento para conhecer as dinâmicas sociais da comunidade. Foram entrevistadas pessoas de referência, apontadas pelos próprios comunitários como sendo moradores de relevância histórica e cultural, a exemplo de Seu Lula do Boi, além de comerciantes que conhecem profundamente a história local desde o princípio da ocupação, como Lu da Pamonha e outros. A equipe

do ISR também fez parte da investigação por meio de alguns funcionários que moram na comunidade e trabalham com projetos sociais.

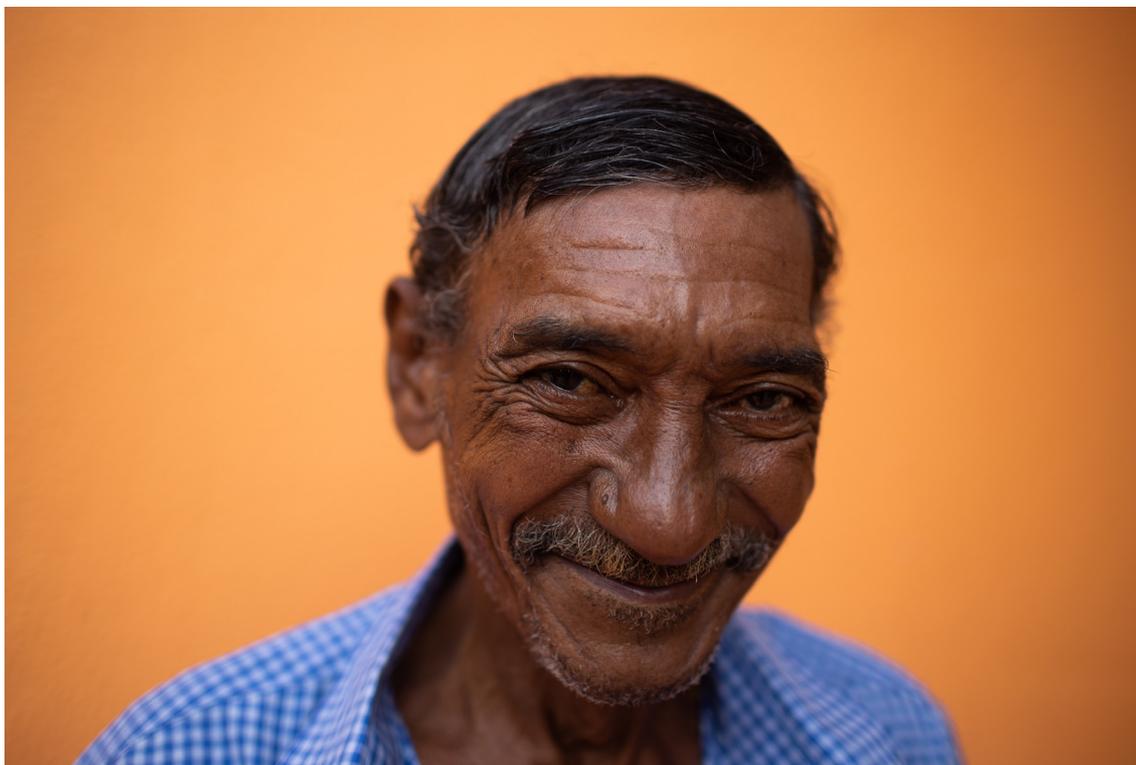


Imagem 17: Fotografia de Lula do Boi, personagem entrevistado.

As incursões nas áreas foram seguidas da organização e sistematização do conteúdo coletado e apoiar a proposição de soluções para os espaços públicos no Ciclo Fazendo Lugares Juntos.

■ Resultados da primeira etapa

Os resultados apresentados pelo Coletivo Massapê foram levantados conforme os cinco eixos de análise mencionados acima: perfil da comunidade; lugar; memórias; formas de expressão e celebrações; e saberes locais. As informações e gráficos dispostos a seguir foram selecionados e retirados de relatório elaborado pelo Coletivo Massapê (2022).

■ Perfil da Comunidade

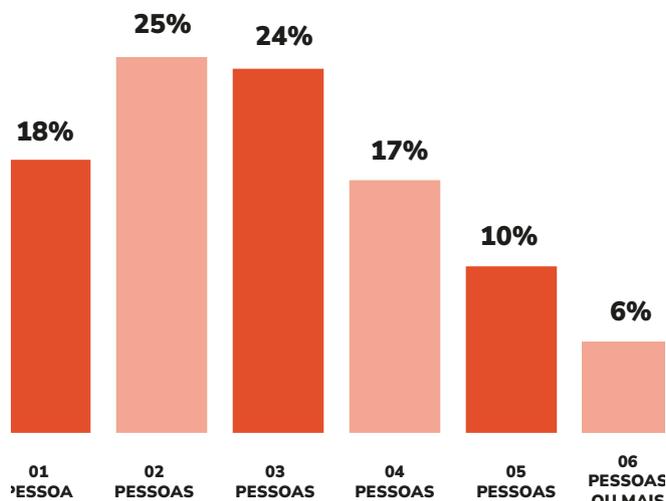


Imagem 18: Gráfico sobre densidade populacional por habitação.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

Entra Apulso possui uma elevada concentração populacional, o que significa que grandes quantidades de pessoas ocupam áreas relativamente pequenas. A maioria dos habitantes que responderam ao questionário do Ciclo de Aproximação mora em casas com 2 ou 3 pessoas residentes (25% e 24% respectivamente), seguidos pelas pessoas que moram sozinhas (18%). Apenas 17% das pessoas que responderam o questionário afirmaram morar em casas de 4 pessoas, 10% responderam que moram 5 pessoas na mesma residência e um percentual de 6% afirmou viver em moradia com 6 pessoas ou mais. A densidade habitacional de Entra Apulso é, portanto, considerada alta e se constitui, principalmente, de edificações concentradas nas áreas internas com pólos comerciais situados em suas extremidades e ruas de acesso ao shopping.

A análise dos dados colhidos em campo mostra que a comunidade apresenta significativa densidade construtiva, e quase toda a sua extensão é ocupada por residências. Ao longo do tempo, essas habitações foram substituindo as áreas abertas e os quintais e, atualmente, passam pelo processo de verticalização, com a adição de andares superiores.

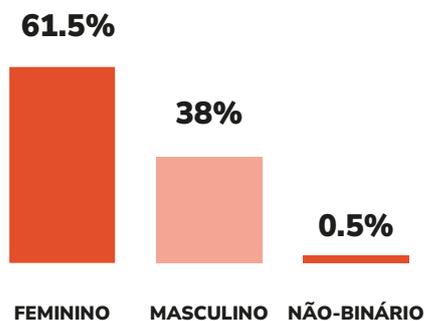


Imagem 19: Gráfico Perfil de gênero em Entra Apulso. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Os questionários revelaram que a maioria das pessoas que participaram da pesquisa é de mulheres negras adultas. As mulheres representam cerca de 61% da população entrevistada, evidenciando a predominância desse grupo na caracterização do perfil de gênero de Entra Apulso. O perfil revelado pela pesquisa está intrinsecamente ligado ao principal uso dos espaços públicos da comunidade, como será mostrado mais à frente. Além dos dados sobre gênero, foi possível identificar a proporção de indivíduos de diferentes faixas etárias, com a predominância de adultos entre 20 e 59 anos (mais de 62% das respostas ao questionário).

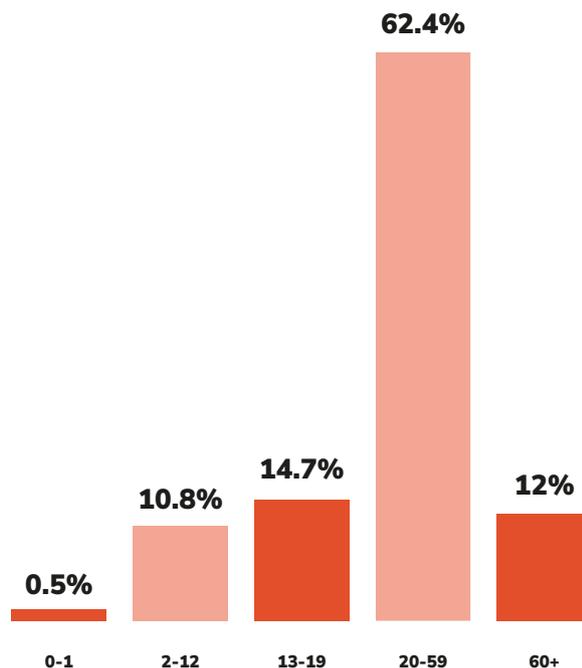


Imagem 20: Gráfico de indivíduos por faixa etária. Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

É possível perceber, ainda, a conexão profunda dos residentes com Entra Apulso. A grande maioria dos entrevistados (70%) afirmou viver na localidade há mais de duas décadas. Esse dado ressalta a solidez e a resiliência da comunidade diante das ameaças de deslocamento que enfrentou no passado — uma consequência do longo processo de luta coletiva que se originou após sua legitimação como Zona Especial de Interesse Social, em 1988.

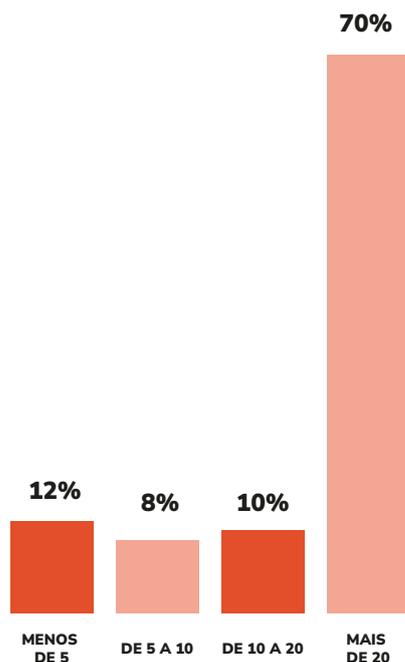


Imagem 21: Gráfico sobre o tempo de moradia na comunidade. Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

Outra informação relevante sobre o perfil da comunidade trazida a partir da análise dos questionários foi em relação à ocupação dos moradores. A maioria informou estar trabalhando (51%), no entanto mais de 60% das pessoas ocu-

padas informaram trabalhar na informalidade, como mostrado na Imagem 22, logo abaixo. Um dado adicional importante que reflete as dinâmicas da comunidade é o fato de que mais da metade das pessoas entrevistadas informaram que trabalham dentro de Entra Apulso, o que pode se refletir nos usos dos ambientes compartilhados e no grande fluxo de modais ativos.

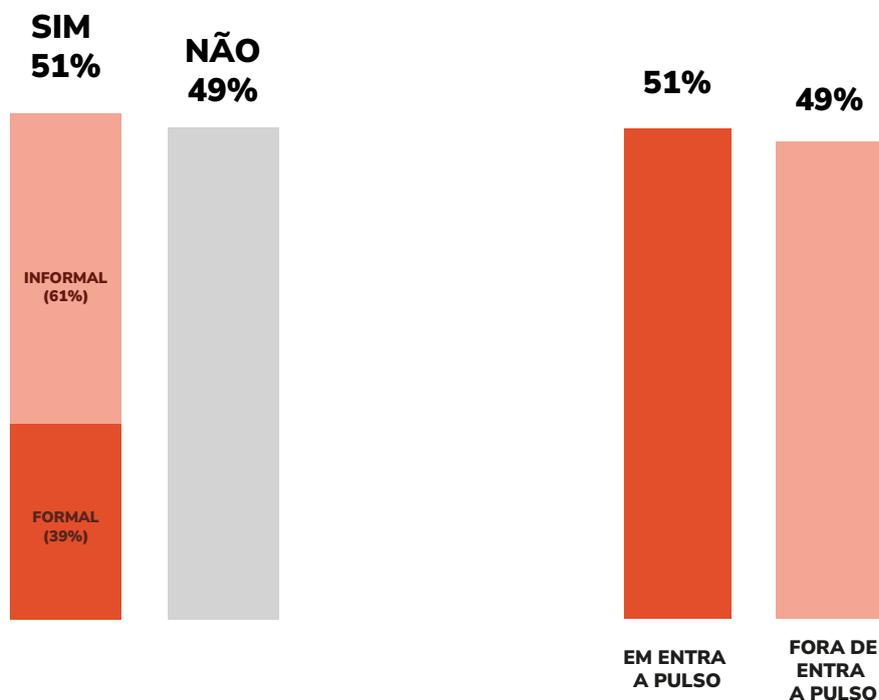


Imagem 22: Infográfico para a caracterização de trabalhos formal e informal.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

Imagem 23: Trabalhos dentro e fora da comunidade.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

■ Perfil do Lugar

Uma das perguntas realizadas no questionário foi sobre como os espaços públicos do entorno das casas eram utilizados pelos moradores. Das opções dadas, a maior parte respondeu ser para “estender roupas”, o que configura uma marca histórica e cultural da comunidade. Antigamente, muitas mulheres garantiam sua renda a partir da lavagem de roupas; hoje, a densidade de Entra Apulso provoca a falta de espaço interno nas casas e culmina na necessidade de estender as roupas do lado de fora (Massapê, 2022).

Essa característica acabou moldando a paisagem da comunidade, tornando-se muito comuns os varais improvisados nos muros e paredes dos becos que cortam o bairro. Seu uso ocorre, muitas vezes, de forma coletiva, o que torna a atividade um elemento de fortalecimento da convivência comunitária.

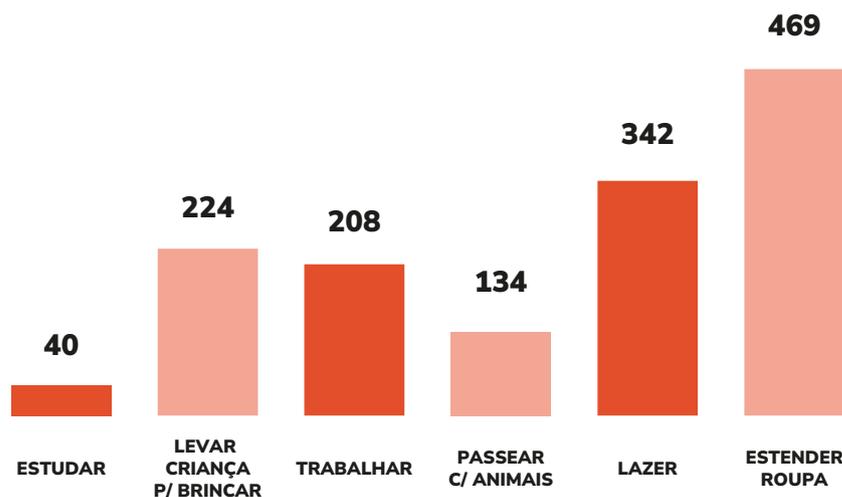


Imagem 24: Gráfico que demonstra o uso dos espaços públicos em Entra Apulso.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

Outro uso muito comum dado aos espaços públicos em Entra Apulso é o lazer. Apesar de faltarem ambientes urbanos adequados à prática de esportes, às brincadeiras das crianças e à convivência dos adultos, as aberturas de largos e becos são amplamente utilizados como locais de permanência para lazer e encontro social. A relação das crianças com o espaço público em Entra Apulso é bastante intensa, e um aspecto relevante apontado pelos moradores como causa disso foi a obra de saneamento, marco que possibilitou ainda mais apropriação por parte da comunidade.

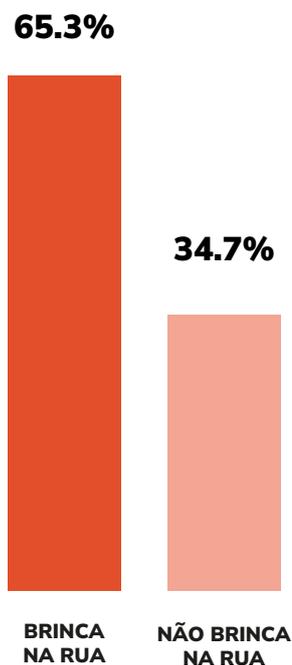


Imagem 25: Gráfico sobre o uso do espaço público pelas brincadeiras.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

Apesar da análise positiva em relação à presença das crianças no espaço público em Entra Apulso, cerca de um terço dos adultos cuidadores de crianças respondeu que não permite que elas o utilizem para o lazer. Entre as distintas razões para isso, está a questão da segurança, pois, em determinadas vias da comunidade, o grande fluxo de carros, motos e bicicletas em alta velocidade é apontado como um fator de preocupação (Massapê, 2022).

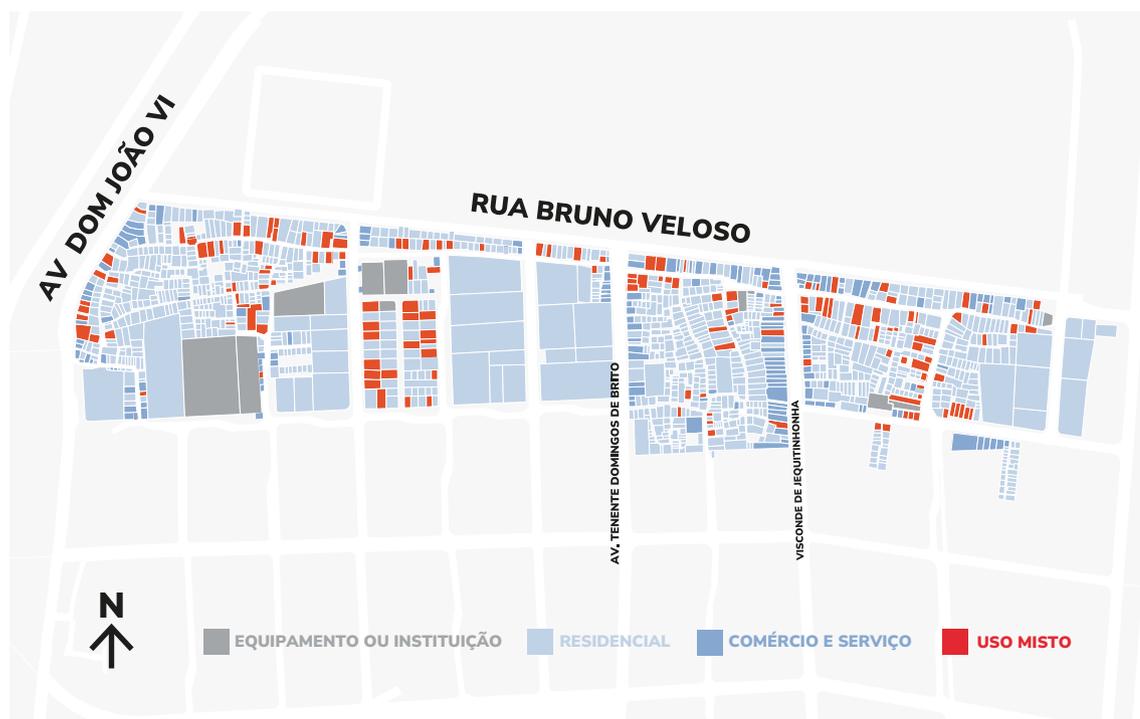


Imagem 26: Mapa de usos da comunidade de Entra Apulso.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

O mapa de usos de Entra Apulso revela uma grande quantidade de edifícios residenciais, confirmando essa predominância do uso na ocupação da comunidade. As bordas da comunidade e as principais ruas de acesso ao shopping são ocupadas por usos comerciais e serviços, além do uso misto. A presença de equipamentos e instituições sociais, culturais e religiosas também pode ser observada de forma espraiada.

■ **Memórias**

Compreendendo a importância de preservar a memória de Entra Apulso, o Ciclo Aproximação se propôs a investigar como a percepção das pessoas em relação à evolução do seu ambiente de vida ao longo do tempo mudou e quais lembranças do passado da comunidade permanecem na mente delas. As nuvens de palavras a seguir representam imagens, palavras, emoções e sentimentos associados aos primórdios de Entra Apulso e ao presente, respectivamente. É perceptível a sensação compartilhada de melhorias ocorridas no local ao longo do tempo. Isso reflete a trajetória de uma comunidade marcada por diversos conflitos e pela ausência de infraestruturas urbanas, mas que, hoje, identifica avanços relacionados à vida comunitária.

Uma das lembranças citadas pelas pessoas entrevistadas é a presença do mangue na comunidade, mesmo o ecossistema tendo deixado de existir. Áreas próximas, como a situada na margem oposta da Avenida Dom João VI, preservam a memória do bioma extinto em Entra Apulso. Embora algumas pessoas o associem à falta de higiene, o mangue também evoca as memórias da resistência e das atividades de subsistência originais, como a pesca e a coleta de mariscos (Massapê, 2022). Além da vegetação, as pessoas ainda têm muito presente a recordação da violência urbana e das habitações improvisadas de madeira, que caracterizaram um período de grande vulnerabilidade social na comunidade, antes de sua consolidação.

Os moradores também foram indagados a respeito de quais indivíduos eram considerados relevantes para a história de Entra Apulso. São pessoas que desempenharam papéis significativos na luta pela preservação do território, na busca por melhorias na comunidade, no estímulo à educação e ao desenvolvimento dos jovens, na representação da cultura local ou na excelência em suas áreas de atuação. É bastante expressiva a presença de nomes femininos, o que ressalta ainda mais a importância que as mulheres tiveram e ainda têm na construção de Entra Apulso. Foi frequente a utilização do prefixo “Dona” nas respostas, associado a diversos personagens, como Dona Luzinete, Dona Rosilda, Dona Jaiza, Dona Baia e Dona Rita.

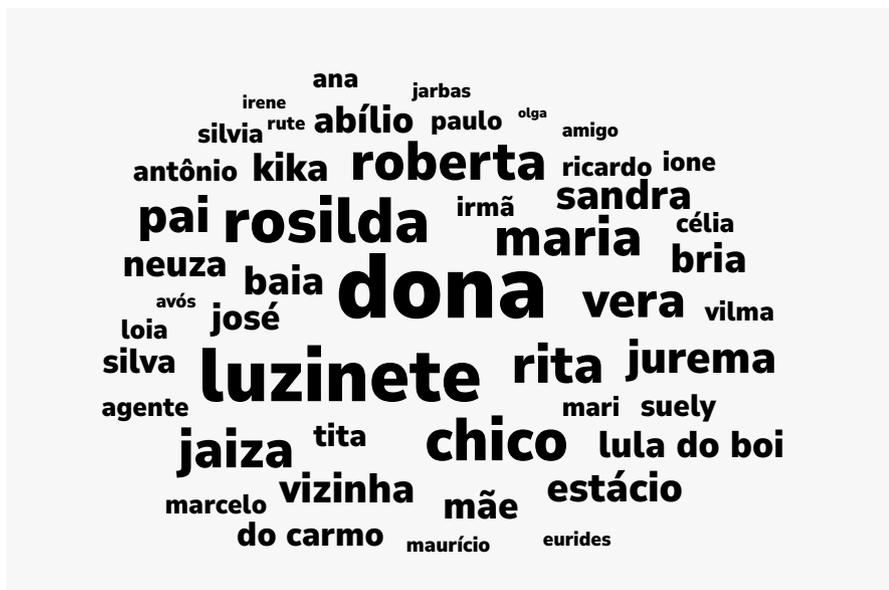


Imagem 29: Nuvem dos personagens relevantes na comunidade.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

■ **Formas de expressão e celebrações**

A partir das informações coletadas, fica evidente a diversidade de celebrações e manifestações culturais presentes na comunidade, algumas com raízes antigas e representando parte integral da vida dos moradores de Entra Apulso, como o Boi de Seu Lula, a capoeira e a quadrilha junina. Por outro lado, são observadas expressões culturais promovidas por instituições mais recentes, como o balé e o jiu-jitsu oferecidos pelo Projeto Sinal e a Dança Pulsante, pelo Instituto Shopping Recife.

Entre as celebrações e formas de expressão mais vinculadas à cultura de Entra Apulso, a Dança Pulsante, promovida pelo Instituto Shopping Recife, ganhou destaque. Associada às festas realizadas na quadra da comunidade, ela abrange desde eventos de Natal, o Flashback, até as festas de São João, Dia das Crianças e a quadrilha.

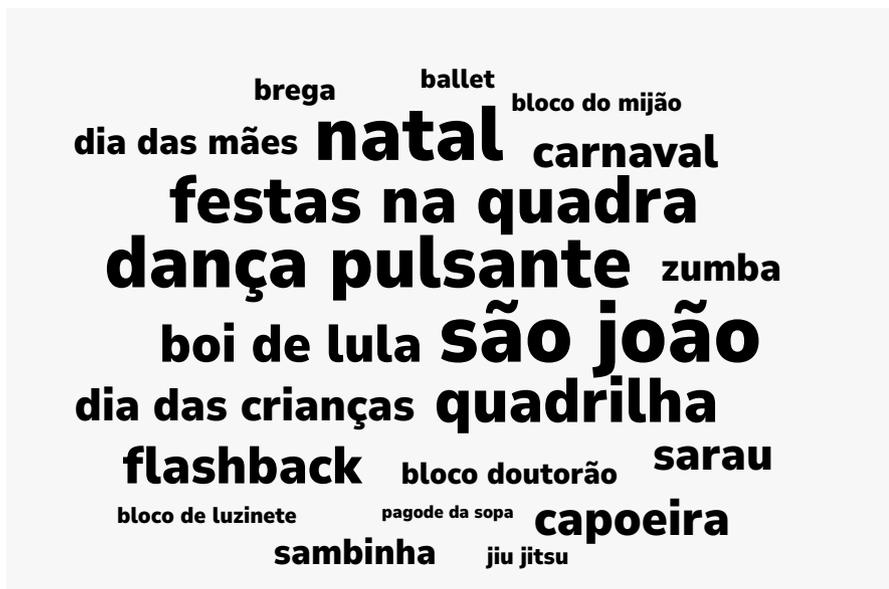


Imagem 30: Nuvem das expressões e celebrações de Entra Apulso.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

O relatório do Coletivo Massapê indica que as práticas religiosas também foram expressões culturais identificadas, nas pesquisas de campo, como referências para os moradores. No documento, informa-se que os residentes de Entra Apulso têm uma participação intensa em eventos das igrejas neopente-

costais e católicas. Um aspecto que se destaca no documento é a menção à capela de Dona Baia como referência religiosa para as pessoas. Ela está localizada em uma propriedade da Área 03, pertencente a essa, que é uma das moradoras mais antigas da comunidade, vista como uma das figuras históricas de maior relevância no lugar. (Massapê, 2022, pg. 107)

■ **Saberes locais**

As dinâmicas de trabalho e cultura em Entra Apulso sofreram transformações ao longo de sua história, evoluindo em consonância com as mudanças na ocupação do território. No início, o manguê desempenhava um papel central na vida da comunidade, e as atividades de subsistência estavam intrinsecamente ligadas a ele e às variações da maré (Massapê, 2022).

Com o passar do tempo, a comunidade foi se consolidando e outros meios de vida ganharam relevância, assim como o ofício das lavadeiras. Ele acabou se tornando uma das características mais evidentes de Entra Apulso e permanece até os dias atuais, contribuindo para a memória coletiva, como foi ilustrado nas informações coletadas sobre o uso do espaço público.

Embora algumas dessas tradições e profissões perdurem, ocorreram mudanças substanciais. Atualmente, a principal fonte de renda para a maioria dos moradores de Entra Apulso é o comércio, já que a partir da década de 1990, impulsionado pelo crescimento do shopping, o número de empreendimentos na comunidade aumentou bastante. No questionários, os entrevistados apontam uma redução notável nas atividades de sustento relacionadas

à pesca, ao trabalho na praia e ao trabalho doméstico, em contraste com o aumento nas menções a comércios e empreendimentos, o que pode ser observado no mapa abaixo.

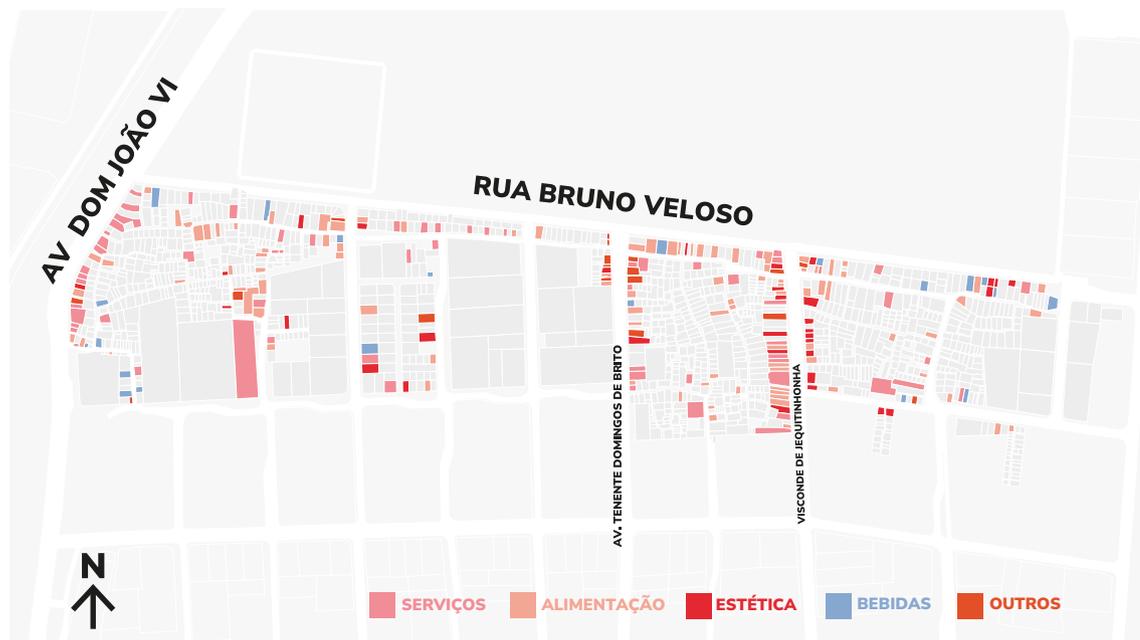


Imagem 31: Mapa de tipos de empreendimentos de Entra Apulso.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

1.3.2 Ciclo Fazendo Lugares Juntos

O escopo principal do Ciclo Fazendo Lugares Juntos foi a realização de intervenções nos espaços de convivência da comunidade. A etapa foi composta pela aplicação de ferramentas de escuta visando à identificação de demandas e à cocriação de soluções, além da elaboração de projeto pela equipe técnica e da validação por parte da comunidade e do ISR, para, enfim, implementar as soluções.

No caso do Projeto Pulsa Bairro, alguns locais de intervenção foram definidos após análise da equipe técnica e do contratante levando em conta as informações do Ciclo de Aproximação. Nesse sentido, foi pré-estabelecida uma quantidade de pontos de intervenção para cada área, considerando o recurso disponível e os locais considerados estratégicos para a comunidade, onde há maior número de pessoas com dinâmicas estabelecidas. A seguir, são apresentadas as etapas aplicadas neste ciclo, contando, portanto, com três momentos principais: a) oficinas de cocriação, b) intervenções e c) desenho e validação do projeto.

■ Oficinas de Cocriação

As oficinas de cocriação são momentos pensados para identificar demandas dos espaços escolhidos e apoiar a construção conjunta de soluções para o espaço urbano a ser modificado. No Projeto Pulsa Bairro, muitas dessas oficinas foram realizadas nos próprios locais onde seriam as intervenções, com os moradores do entorno imediato como participantes ativos desse processo.

Outras oficinas foram realizadas em pontos específicos, como as sedes da Associação de Moradores, do ISR e do Projeto Sinal, a Creche Comunitária Nossa Senhora da Boa Viagem e a Unidade de Saúde da Família - Jader de Andrade.

O primeiro momento da capacitação foi voltado para a apresentação do Projeto Pulsa Bairro e do Coletivo Massapê, já que houve uma grande rotatividade de público durante as ações ocorridas em cada área. Entre o Ciclo Aproximação e o início das atividades do Ciclo Fazendo Lugares Juntos, a mobilização seguiu em campo para agregar mais atores no processo. A oficina também teve o intuito de apontar os objetivos gerais do Projeto Pulsa Bairro.



Imagem 32: Atividade de cocriação. Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Com os locais de intervenção pré-estabelecidos, foram feitas apresentações acerca dos espaços a moradores e outros participantes, abrindo um momento para a fala dos atores envolvidos. Algumas referências e possibilidades de intervenção em espaços públicos foram pesquisadas a partir de trabalhos semelhantes e mostradas na oficina com o intuito de ampliar o repertório das pessoas, fazendo com que conhecessem outras formas de ocupá-los e exerçassem novas possibilidades na vivência da cidade. Por fim, buscou-se levantar as demandas dos espaços e as possíveis soluções para cada eixo de intervenção (mobiliário, sinalização e arte urbana).

Durante as oficinas, também houve momentos conduzidos pelos agentes de educação ambiental a fim de abordar, principalmente, a questão do descarte do lixo nos becos e vielas. Essa problemática foi identificada em todas as áreas de intervenção, e a conscientização foi um trabalho conjunto efetuado pelos coletivos da área, tanto durante as oficinas, como na etapa de implementação das soluções, quando já existia a prática de coleta e a separação de resíduos, além de oficinas de jardinagem com das pessoas do entorno imediato das intervenções.

Após as oficinas, todas as discussões sistematizadas durante sua execução foram transformadas em diretrizes para cada um dos espaços, levando em consideração os três eixos de implementação de soluções. Essas diretrizes funcionaram como base para a elaboração do projeto, por parte da equipe técnica do Coletivo Massapé.



Imagem 33: Atividade de cocriação. Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Após as práticas de cocriação, a equipe responsável pela execução técnica elaborou o projeto dos espaços de acordo com as demandas levantadas e os desejos da comunidade. Cada ambiente foi pensado a partir dos eixos de intervenção supramencionados e compreendendo a viabilidade financeira para a execução de cada solução.

Foram apresentadas à população as propostas designadas para cada local, buscando a validação das pessoas diretamente envolvidas. Isso ocorreu em momentos de reunião em grandes grupos e por meio de visitas às casas inseridas

nos locais, incluindo conversas com moradores e fornecendo imagens impressas das soluções ou até mesmo projetando-as nos locais de intervenção. Esses encontros para a validação do projeto forneciam informações para ajustes e incrementos a serem introduzidos e serviam como um fechamento da etapa de escolha de soluções para partir, enfim, para a implementação.



Imagem 34: Validação sendo realizada em Entra Apulso.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

■ Intervenção



Imagem 35: Mapa com identificação das intervenções executadas.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022.

As intervenções nos espaços urbanos, fase final de implementação do Ciclo Fazendo Lugares Juntos, ocorreram nas áreas apontadas, concretizando o projeto pensado e validado em conjunto com a comunidade. No total, foram 23 intervenções realizadas, espalhadas pelas quatro áreas do bairro. A execução dessas intervenções contou com a participação de pedreiros, serralheiros e marceneiros da comunidade para a parte dos mobiliários e reboco das casas.

A ideia de envolver as pessoas da comunidade na execução foi implementada para estimular o dinamismo da economia local com a compra de materiais dentro da própria comunidade e a contratação de moradores, profissionais capacitados. A facilidade quanto à logística das obras também foi considerada, bem como uma estratégia de engajamento a partir da colaboração das pessoas que conhecem os moradores das áreas atendidas, ampliando o diálogo entre a equipe executora e as pessoas que seriam impactadas pelas intervenções.

A equipe do Massapê teve dificuldade para encontrar artistas locais em Entra Apulso para implementar a parte de pintura de murais. Sendo assim, a arte urbana foi executada em sua maior parte por um artista do bairro da Ipuatinga, Marquinhos ATG e sua equipe (nas áreas 02, 03 e 04), e por uma equipe de artistas urbanos de João Pessoa, a Acervo 03 (na área 01). Ambas as contratações se deram considerando uma imersão cultural desses artistas na área por meio de sua participação nas etapas de cocriação e validação do projeto gráfico pensado para os locais.

Sendo a pintura de muros e paredes uma das soluções centrais pensadas para a revitalização dos ambientes urbanos e fortalecimento da identidade local, a colagem de lambe-lambes também foi uma técnica de arte urbana utilizada como parte do resgate da memória da comunidade. Os artistas Tácio Russo e Camilla Serejo fizeram colagens de imagens das mulheres que, reconhecidamente, representam a força e a resistência de Entra Apulso.

A elaboração do conteúdo da sinalização contou com o apoio de parceiros do Projeto Pulsa Bairro envolvidos na área de educação ambiental. O conteúdo foi pensado em conjunto com esses atores, compreendendo o viés de conscientização do uso dos espaços públicos em relação à limpeza, à responsabilidade com o lixo, aos horários de coleta, à organização e à manutenção

dos novos locais. A sinalização também deu conta de indicar os caminhos a que levam os becos e os espaços de interesse nas áreas da comunidade, facilitando a locomoção no interior do bairro.

A seguir, serão detalhadas, em forma de ficha técnica, sete das vinte e três intervenções executadas no Projeto Pulsa Bairro.

■ **Área 01 - Bingo da Lu**



Imagem 36: Área do Bingo da Lu, antes da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

A área denominada Bingo da Lu fica em um largo onde alguns becos se encontram, tendo como referência central a casa de Lu, onde funciona um pequeno fiteiro e onde ela organiza um bingo para os moradores frequentemente. Nos dias de bingo, os quais ocorriam nos finais de semana antes da pandemia, os moradores do entorno traziam suas cadeiras e ocupavam todo o espaço. Outro uso do local é o estacionamento de carrinhos de comércio quando não estão trabalhando com eles pelas ruas do bairro de Boa Viagem. O local contava com um fluxo razoável de pessoas, já que fica próximo à Av. Dom João VI, e é um dos pontos de penetração da comunidade. Nas oficinas de cocriação os moradores apontaram a falta de equipamentos para permanência e para as crianças brincarem, além de elementos que estimulem a redução da velocidade das motos e bicicletas que passavam pelo local.

Os principais desafios encontrados na área tinham a ver com a impossibilidade de instalação de lombadas, tanto por ter sido uma solicitação dos moradores quanto por uma restrição do ISR. Nesse caso, a sinalização passou a ser proposta como forma de estimular a redução da velocidade no local. Ainda em relação à parte física do espaço, outro desafio identificado foi a falta de reboco em muitas das casas que compõem as frentes do largo, aumentando o custo para executar esse serviço antes de receber as pinturas. A necessidade dos moradores de estacionar carrocinhas de comércio no local exigiu que a intervenção demarcasse espaços no piso de forma que não obstruísse o espaço livre.



Imagem 37: Área do Bingo da Lu, depois da intervenção.
Foto: Melina Motta, 2021.

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Acervo 03

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê, execução de serralharia de Danilo e marcenaria de Irmão (marceneiro da comunidade)

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel, Alex, Maciel e outros dois pedreiros.

Oficina de cocriação: Coletivo Massapê, ISR e equipe Salve Maracápe

Mobiliário: 01 banco curvo

Demandas identificadas:

Espaço com mobiliário para permanência;
Espaço destinado ao estacionamento de carrinhos de comércio local

Equipamentos para as crianças brincarem

Elementos que estimulem a redução da velocidade das motos e bicicletas que passam pelo local.

Intervenções realizadas:

Instalação de Banco, Lixeira e Pendura Lixo
Marcação de Piso para delimitar a área para estacionamento de carrinhos de comércio local

Reboco das casas do entorno do espaço

Placas de sinalização para redução de velocidades

Pintura urbana retratando elementos das manifestações culturais e de interação lúdica com crianças

■ Área 02 - Muro do John Lennon



Imagem 38: Muro do Edifício John Lennon, antes da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

As pessoas residentes das casas que ficam em frente ao muro do Edifício John Lennon são, em sua maioria, mulheres que utilizavam o amplo espaço para estender roupas. Os varais improvisados, utilizados de forma conjunta, sem hierarquização ou rodízio implementado eram utilizados todos os dias, bastando fazer sol. A demanda para toda a extensão do muro de mais de 100 metros de comprimento era a de torná-lo um lugar mais bonito para estender roupas, e a solicitação foi para que fossem instalados varais fixos nas paredes.

A demanda para a pintura do muro incluiu a possibilidade de ter flores, lavadeiras com cestos na cabeça ou elementos que resgatassem a memória da história das lavadeiras de Entra Apulso. Com esse intuito, foi pensado um mural com uma linha do tempo, contando a história do bairro, destacando seus marcos mais importantes e exaltando as profissões e tradições que a comunidade se identifica.

A sinalização para este espaço foi pensada para ampliar as informações sobre as pinturas, com a colocação de **QR codes** que levam o leitor para partes do relatório final do Ciclo Aproximação, destacando os elementos de relevância na história da comunidade. Outro elemento caracterizado como sinalização foi a instalação de um letreiro de acrílico no vão entre as casas e o muro. A ideia é imprimir uma frase no chão, refletindo a cor do material translúcido através do sol, tornando-se mais um elemento de interação com o espaço público, principalmente para as crianças que passam pelo local.



Imagem 39 - Letreiro translúcido, parte de intervenção no muro John Lennon. Fonte: Coletivo Massapê, 2021

O muro ainda contou com a instalação de um banco ao lado de uma árvore localizada na esquina com a Rua Agenor Lopes, como estratégia para estimular o uso do espaço como área de estar e inibir o estacionamento de motos, prática recorrente nos acessos da comunidade próximos ao Shopping Recife.



Imagem 40: Foto do muro após a intervenção, próximo à rua Agenor Lopes. Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê, execução de serralharia de Danilo e marceneira de Irmão (marceneiro da comunidade)

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Mobiliário: 01 banco reto, Varais fixos de metal com fio de aço revestido, Instalação de um letreiro em acrílico.

Demandas identificadas:

- Garantir estrutura adequada para os moradores estenderem roupas;
- Espaço com mobiliário para permanência;

-Exibir a história e a cultura de Entra Apulso nos murais de arte urbana;

-Informar sobre os marcos históricos de Entra Apulso através da sinalização interativa.

Intervenções realizadas:

-Instalação de Banco e Lixeira

-Reboco do muro

-Mural de arte urbana sobre a história e a cultura de Entra Apulso

-Instalação de sinalização de acrílico interativa

-Instalação de sinalização de QR Code com vídeos e documentos sobre a história de Entra Apulso;

■ Área 02- Posto de Saúde



Imagem 41: Área do Posto de Saúde antes da intervenção.
Foto: Melina Motta, 2021.

Na área do Posto de Saúde, as oficinas de cocriação mostraram que seriam necessárias algumas melhorias visando tornar o ambiente mais acolhedor e seguro para as pessoas que utilizavam o equipamento. Uma demanda identificada foi de que a espera para atendimento no posto poderia ser mais confortável com a disponibilização de uma maior área sombreada. Além disso, esse novo espaço poderia ser utilizado para encontros da comunidade e eventos, promovendo a interação social.

A sinalização viária foi proposta como solução para reduzir a velocidade de veículos, especialmente carros e motos, a fim de proteger as crianças que circulavam na área. Além disso, esse elemento poderia ser utilizado para indicar as instituições do bairro, conscientizar sobre o descarte correto do lixo e sobre a localização de banheiros públicos no entorno, coibindo a prática inadequada de urinar no espaço público.

Os murais próximos ao posto de saúde deveriam homenagear figuras locais, como a o morador conhecido como China, e abordassem temas relacionados à prevenção de doenças e saúde da família para enriquecer o ambiente e promover a conscientização. Frases que falem de cuidado, amor e respeito ao próximo foram pensadas para inspirar os moradores e visitantes.

No local foram identificadas algumas carências como a falta de lixeiras, que contribuissem para manter o espaço público limpo e organizado. A vegetação foi outra ausência notada, e que poderia tornar o ambiente mais agradável e sustentável. A instalação de mobiliário de permanência, como bancos à sombra, criaria áreas de descanso e convívio.

Uma recomendação pensada para o poder público foi a de investir em iluminação pública adequada na área do posto de saúde, contribuindo para a segurança dos moradores, especialmente durante a noite. Essa solicitação não foi atendida dentro do prazo do projeto e por isso a iluminação do espaço foi realizada pelo projeto com a instalação de dois refletores



Imagem 42: Área do Posto de Saúde depois da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG
Projeto mobiliário: Coletivo Massapê, execução de serralharia de Danilo

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Demandas identificadas:

- Garantir sombreamento para os usuários aguardarem o atendimento no posto;
- Garantir espaço sombreado de convivência para os finais de semana;
- Conscientizar a população em relação ao

lixo e ao cuidado com a saúde;

- Inibir o estacionamento de carros e a prática de urinar na rua.

Intervenções realizadas:

- Instalação de cobertura em estrutura metálica e telhas de fibrocimento;
- Instalação de lixeira com sinalização;
- Instalação de sinalização de localização de equipamentos próximos ao posto;
- Reboco do muro;
- Mural de arte urbana;
- Instalação de iluminação

■ Área 03- Sindicato



Imagem 43: Área do Sindicato antes da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

O espaço chamado Sindicato, apelidado pelos moradores frequentadores do local, foi apontado nas oficinas de cocriação como um lugar de descanso e de encontro para a maioria das pessoas. Se tratava de um espaço de confraternização dos adultos que se reuniam para assistir a jogos de futebol, conversar e jogar dominó, dama e baralho.

As necessidades identificadas para a sinalização foram de informar o local apropriado para colocar os materiais de construção, informar sobre o descarte do lixo e colocar o nome do Sindicato para melhor registro do espaço.

A arte urbana deveria ser um elemento para evidenciar que o Sindicato era um local de preservação da memória da comunidade, com uma homenagem às “Donas” da Área 03 e ainda garantir que houvesse as cores e escudos remetentes aos times de futebol dos comunitários e às atividades do local.

Quanto aos mobiliários e a infraestrutura deste ambiente, se identificou a necessidade de colocar lixeira ou uma caçamba para o descarte adequado do lixo. Uma melhor disposição de locais para o estacionamento da carroça, a retirada dos bancos improvisados e substituição por novos locais de permanência como bancos fixos e mesas de metal e madeira também foram demandas levantadas.

A área do Sindicato também possuía carências que somente o poder público poderia resolver como por exemplo a poda da árvore que possuía galhos com risco de queda, o nivelamento do piso e a necessidade de limpeza do local que se encontrava com muitos entulhos e restos de obras. Em conjunto com melhoria do piso, também foi identificada a necessidade de reposicionar os balizadores na esquina da rua, como forma de proteger o ambiente do intenso fluxo de carros. A iluminação também foi um ponto levantado, já que o ambiente era visto como muito soturno. Essas solicitações foram executadas pela Emlurb.



Imagem 44: Área do Sindicato depois da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê, execução de serralharia de Danilo

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Demandas identificadas:

- Garantir um espaço de convivência com mobiliário urbano resistente;
- Conscientizar a população em relação ao lixo;

- Reproduzir imagens relacionadas com a dinâmica de encontros do local;
- Proteger a área do trânsito de veículos.

Intervenções realizadas:

- Instalação de quatro bancos e uma mesa para jogos com bancos;
- Instalação de lixeiras-gaiola;
- Reboco do muro;
- Mural de arte urbana retratando a dinâmica local e homenageando alguns personagens de Entra Apulso.

■ Área 03- Pistinha



Figura 45 - Área da Pistinha antes da intervenção, com foco de lixo identificado. Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

O local chamado Pistinha foi um dos ambientes de uso identificados entre os locais de intervenção. Fazendo margem com diversos edifícios comerciais e residenciais, uma dinâmica de permanência era reconhecida no local, apesar da presença de um ponto crítico de lixo, muitas vezes provocado por esses usos externos à comunidade. A Pistinha também é um local de acesso à Área

03 de Entra Apulso, com um grande muro ladeado de uma árvore onde os moradores instalaram um chuveiro comunitário. Logo foi identificada a necessidade de consolidar o uso do banho, já que muitas pessoas que chegam da praia ou nos arredores da comunidade utilizavam este equipamento ao longo do dia.

As oficinas de cocriação identificaram que a dinâmica de uso deste local se concentrava em um espaço de estar e confraternização, de brincadeira para crianças, local de banho pós-praia, local de banho de pessoas em situação de rua e um local com a presença contínua de animais (cavalos, cachorros etc.).

A sinalização deveria abranger principalmente a conscientização sobre o descarte do lixo e os horários de coleta, já que muitos moradores da área apontaram que as pessoas da própria comunidade contribuem para a consolidação daquela área como ponto crítico de lixo. Além disso, foi identificado que seria importante proibir o descarte de lixo por parte dos prédios do entorno naquele local, direcionando para grandes lixeiras ou outros pontos de coleta.

A fim de solidificar essa relação das pessoas da área com o banho de chuveiro instalado no local, a arte urbana deveria ter paisagens ou desenhos que remetesse a praia, com uma pintura de piso para crianças interagirem.

Em relação aos mobiliários, o espaço de estar com um banco adequado deveria ser implementado, gaiolas para a separação do lixo ou caçambas deveriam ser adicionadas, além do ajuste na torneira e no chuveirão, com a preocupação. A fim de coibir a prática de jogar o lixo no chão, o local onde esses resíduos eram colocados deveria ser ocupado com jardineiras.



Figura 46 - Área da Pistinha após a intervenção. Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê, execução de serralharia de Danilo marcenaria do Irmão (marceneiro da comunidade)

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Oficina de jardinagem: Chié do Entra

Demandas identificadas:

- Garantir um espaço de convivência com mobiliário urbano resistente;
- Melhorar a estrutura do chuveirão

- Conscientizar a população em relação ao lixo;
- Reproduzir imagens que remetesse à cultura de praia do local;
- Coibir a prática de jogar lixo em frente ao espaço.

Intervenções realizadas:

- Instalação de um banco, duas lixeiras gaiola, e quatro jardineiras para horta comunitária
- Instalação de estrutura vertical metálica para o chuveirão e drenagem;
- Reboco do muro;
- Mural de arte urbana;

■ Área 03- Projeto Sinal / Largo de Dona Baia



Imagem 47: Largo do Projeto Sinal antes da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

O Largo de Dona Baia, onde estava também localizada a sede do Projeto Sinal, foi identificado pelos moradores como um espaço de acolhimento das mais diversas atividades de lazer, de uso das crianças e entretenimento das

famílias e de confraternização de cunho religioso. Essas características se somavam ao desafio de implementar uma solução que reduzisse a velocidade dos carros, bicicletas e motos que ali passavam todos os dias. Para isso, a sinalização foi o elemento pensado para tal fim, além das informações sobre descarte correto de lixo, horários de coleta e conscientização sobre os resíduos dos animais de estimação.

A arte urbana do local, segundo os moradores que participaram das oficinas, deveria remeter à memória das costureiras, muito presentes nesse entorno e também ter temas relacionados à infância, público-alvo do Projeto Sinal e grande presença no Largo.

Em relação ao mobiliário, foi levantada a importância de haver equipamentos de brincar para as crianças, no entanto, apesar do local possuir um espaço razoável, o fluxo e o estacionamento de veículos dos moradores do entorno impossibilitaram a sua instalação. Os pendura lixos nas casas e as lixeiras também foram elementos apontados para melhorar o descarte do lixo e a instalação de jardineiras para ordenar melhor o espaço e contribuir para a adição de área verde no local.

O Coletivo Kapiwara que participou das oficinas junto com o Massapé ficou responsável por definir as diretrizes de sinalização quanto ao descarte adequado e aos horários de coleta, além de ser responsável por ações de educação ambiental no entorno.



Imagem 48: Lambe-lambe com homenagem à Dona Baia, 2021.
Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Demandas identificadas:

- Garantir um espaço de convivência para adultos e crianças;
- Ordenar melhor o trânsito e delimitar locais onde é proibido estacionar;
- Conscientizar a população em relação ao lixo;
- Reproduzir imagens que remetessem às brincadeiras das crianças e às costureiras;

-Melhorar a relação dos moradores da área com o descarte do lixo.

Intervenções realizadas:

- Instalação de 06 jardineiras de concreto, 01 geladoteca (biblioteca dentro de uma geladeira), 01 jardineira vertical, Pendura-lixos.
- Pintura de Casas com arte urbana;
- Pintura de piso para delimitação de espaço de passagem de pedestres;
- Oficina de jardinagem com o Projeto Sinal;
- Instalação de lambe-lambe com homenagem à Dona Baia (na parede da casa dela);
- Sinalização sobre os tipos de planta das jardineiras e horários de coleta de lixo;

■ Área 04- Rua da Associação de Moradores

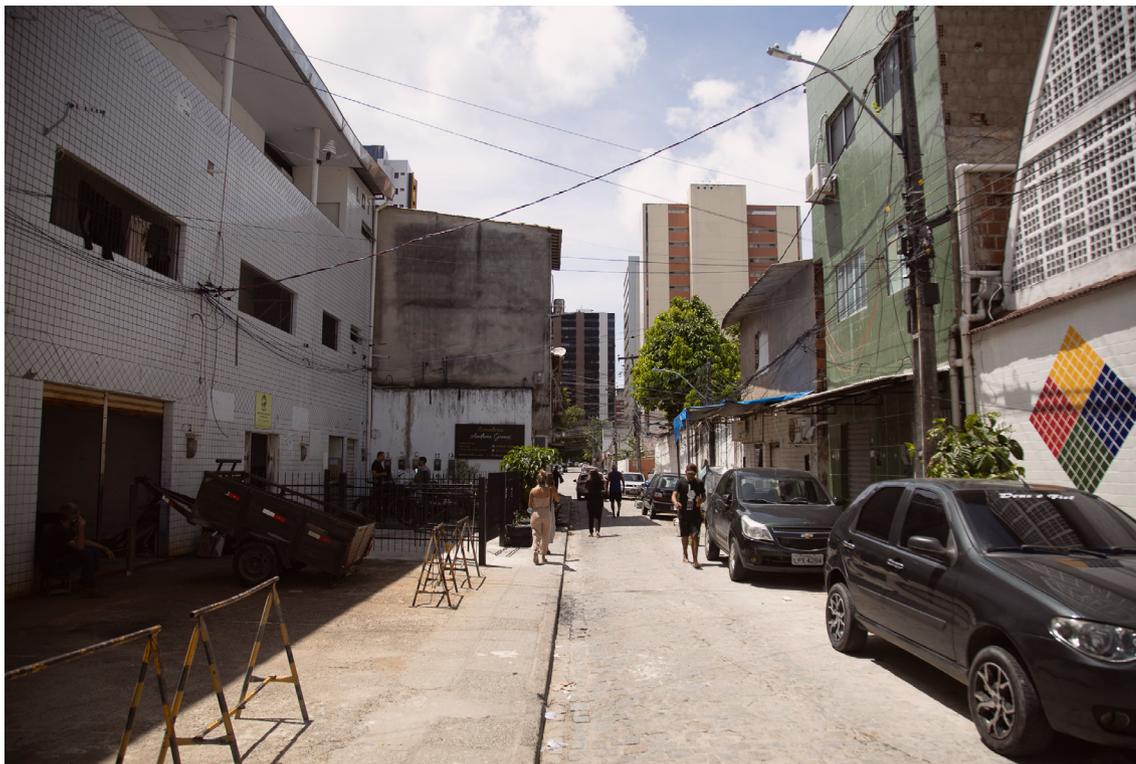


Imagem 49: Rua da Associação de Moradores de Entra Apulso antes da intervenção.
Fonte: Coletivo Massapê, 2021.

As oficinas de cocriação evidenciaram que nessa rua existia uma passagem muito frequente de veículos motorizados. Por ser também uma área escolar,

apresentava também um fluxo de crianças e jovens muito forte. No final da tarde e durante a noite, os moradores (crianças e adultos) costumavam ficar na calçada conversando e brincando.

Uma reclamação presente nas oficinas foi a velocidade com que os carros e motos passavam nessa rua. Portanto, a indicação de produzir uma sinalização que ajudasse a minimizar esse problema foi proposta. As sinalizações com QRcode também seriam indicadas como forma de levar o espectador para algum vídeo ou material que fale sobre a história e força de Entra Apulso como ZEIS e de suas lideranças (ex: Abílio Gomes, Vera e Rita).

Em relação à intervenção de arte urbana, foi identificado um muro na esquina com grande potencial para receber o mural. Dentre os temas sugeridos pelos moradores estavam: a história da organização popular e da luta da associação de moradores pelos direitos da comunidade, homenageando figuras importantes nesse processo, e também temas lúdicos, relacionados às brincadeiras das crianças.

Para o mobiliário, as lixeiras, jardineiras e varais foram sugeridas como instalação de acordo com a necessidade e vontade dos moradores. Como indicação do Chié do Entra, equipe associada às ações de educação ambiental, ficou a criação de uma farmácia viva em frente à associação de moradores



Imagem 50 - Sinalização conscientizando a população sobre a história da comunidade como ZEIS Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Ficha Técnica

Projeto de arte urbana: Marquinhos ATG

Projeto mobiliário: Coletivo Massapê

Preparo do mural: Serviço de reboco executado por pedreiros da comunidade, Israel e Neide.

Demandas identificadas:

- Elementos que estimulassem a redução da velocidade das motos e bicicletas que passavam pelo local.
- Conscientizar a população em relação ao lixo;

-Retratar a história e força de Entra Apulso como ZEIS

Intervenções realizadas:

- Sinalização conscientizando a população sobre a história da comunidade como ZEIS
- Pintura de Casas com arte urbana;
- Instalação de pendura lixo
- Sinalização indicando que é uma área com a presença de crianças e solicitando redução de velocidade;

Capítulo 02

DISCUSSÕES TEÓRICAS

ACERCA DA
MICROESCALA E
SUAS TEMÁTICAS
TRANSVERSAIS

2.1 A produção do espaço urbano na microescala

As diversas escalas geográficas existentes representam uma das principais orientações para a produção dos espaços urbanos, geralmente reconhecidos pelo limite administrativo comum, como rua, avenida, bairro, cidade, distrito, estado, entre outros, seguido pelo nome.

À medida em que aumentamos essas grandezas, as relações e dinâmicas daquele espaço a ser planejado e produzido se tornam mais complexas. Como já foi mencionado, a complexidade das escalas cria, muitas vezes, um afastamento entre as mentes responsáveis pela concepção das soluções para o local e a população, detentora da identidade do território. A ausência de canais efetivos de participação social nas tomadas de decisão, os prazos curtos e a limitação de recursos só reforçam esse distanciamento.

O enfoque microurbano está intimamente ligado a conceitos como habitabilidade, identidade e cultura, e a diversas disciplinas, tanto humanas como científicas, artísticas e técnicas. Ele se interessa pela identidade local ou comunitária e pelo ambiente doméstico, concentrando-se na escala do bairro (...) (SALAZAR e RIQUELME. 2016, p. 79).

A definição apresentada por Salazar e Riquelme (2016) evidencia temas relacionados à prática do microuurbanismo, ou seja, estão intimamente co-

nectados à vida cotidiana da população. O macroubanismo ou a atuação em grandes escalas urbanas, por outro lado, encontra dificuldades para aprofundar sua atuação em elementos do cotidiano, já que o número de relações e dinâmicas existentes entre a população e o espaço são absurdamente maiores.

Ainda assim, o microubanismo não está dissociado do planejamento macro, uma vez que participa dele. A definição acima apresentada define o microplanejamento urbano como o campo de atuação capaz de aprofundar a ação voltada para os elementos da vida cotidiana, de forma a compreender e construir a cidade a partir das relações estabelecidas em menor escala.

(...) o microubanismo se apresenta com o propósito de estudar, explorar, projetar, construir e reconstruir a cidade a partir da esfera do cotidiano, compreendendo a cidade a partir das relações estabelecidas pelos habitantes, vizinhos e comunidade no espaço urbano, bem como o processo pelo qual eles povoam a cidade, definindo a ordem e a prioridade das necessidades compartilhadas, pois, em grande medida, a cidade se molda assim, gradualmente. (SALAZAR E RIQUELME. 2016, p.79)

O processo de construção e reconstrução da cidade a partir da esfera cotidiana prioriza as relações estabelecidas pelo processo de povoamento da cidade e reforça a concepção de habitar a cidade (Salazar e Riquelme, 2016).

Apresentado por Angela Giglia (2012), o conceito de habitar reforça a importância do trabalho microurbano, pois considera os diferentes fenômenos relacionados aos processos de produção do espaço urbano, como as práticas cotidianas de ocupação do lugar público, que ordenam e dão sentido ao lugar.

(...) encontrei em diversos autores uma definição de habitar que está relacionada ao fato antropológico de se tornar presente em um lugar, de se reconhecer e se entender ali, e não em outro lugar. Ou seja, está ligada à capacidade humana de interpretar, reconhecer e atribuir significado ao espaço. Esta é uma definição de habitar que se baseia na noção de presença em um local. Habitar é a relação de um sujeito - seja ele individual ou coletivo - com um lugar e com seus semelhantes. (GIGLIA. 2012, p. 10)

Considerado um dos maiores geógrafos do País, Milton Santos teorizou sobre diversos temas relacionados à geografia urbana, incluindo o conceito de lugar. Ele explorou, em suas obras, a importância da identidade, das relações sociais e das características únicas de cada local — elementos diretamente relacionados com as questões da vida cotidiana e fortalecidos nas relações da microescala.

No livro *A natureza do lugar*, Santos discute, entre outros assuntos, o avanço tecnológico e a globalização. Na obra, ele evidencia a forma com que

as redes de diferentes setores (produção, comércio, transporte, informação etc.) estão expandindo e ganhando diferentes níveis: mundial, territorial e local, sendo o último, onde fragmentos dessas redes se manifestam de forma concreta, criando fenômenos sociais únicos e repetitivos que refletem a diversidade e a surpresa presentes na vida local.

O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças à ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. (Santos. 2006, p. 182)

A partir dessas definições, podemos considerar que a atuação em pequena escala, ou no microubanismo, possui um grande potencial para promover mudanças significativas e positivas no ambiente urbano. Ao focar em intervenções de menor escala e abordar questões específicas, aumenta-se a possibilidade de impactos tangíveis. Abaixo, estão algumas vantagens e potenciais benefícios em atuar na escala local:

Participação comunitária: O microuurbanismo pode incentivar a participação ativa da comunidade local. Ao envolver os moradores no planejamento e na implementação de projetos de pequena escala, cria-se um senso de pertencimento e empoderamento, permitindo que as pessoas influenciem diretamente as transformações em seu entorno e participem das tomadas de decisão.

Soluções adaptadas: Ao lidar com projetos de pequena escala, é possível considerar de forma mais detalhada as necessidades e características específicas de uma determinada área. Isso permite o desenvolvimento de soluções personalizadas e adaptadas às demandas locais, resultando em projetos mais eficientes e relevantes.

Flexibilidade e agilidade: Intervenções em pequena escala são mais flexíveis e ágeis em comparação com grandes projetos de desenvolvimento urbano. É mais fácil obter financiamento, aprovações e implementação rápida em projetos menores. Essa flexibilidade permite a experimentação e a adaptação constante, facilitando a correção de erros e a melhoria contínua.

Impacto imediato: Ao intervir em pequena escala, é possível observar resultados e impactos de forma mais rápida. As mudanças tangíveis, mesmo que em um espaço limitado, podem melhorar a qualidade de vida das pessoas e aumentar a percepção de que a cidade está melhorando.

Sustentabilidade: O microurbanismo pode ser uma abordagem mais sustentável ao incentivar o aproveitamento de recursos locais e a minimização do consumo de energia. Além disso, projetos de menor escala têm menos impacto ambiental e permitem uma gestão mais eficiente dos recursos.

Estímulo à experimentação e criatividade: Projetos de pequena escala geralmente envolvem abordagens criativas e inovadoras para enfrentar desafios urbanos. Eles estimulam a experimentação de novas ideias, tecnologias e práticas, impulsionando a evolução do urbanismo e da arquitetura.

Compatibilizar ações na microescala das intervenções urbanas com as ações na macroescala do planejamento pode ser sinônimo de desafios significativos. Enquanto as ações de microescala focam em intervenções em áreas locais, o planejamento na macroescala possui uma visão abrangente e de longo prazo para a cidade de maneira geral. A dificuldade surge em alinhar essas duas abordagens, garantindo que as soluções na microescala contribuam com experiências que fomentem novas relações com o espaço urbano para, assim, subsidiar um planejamento a longo prazo.

Seria possível encontrar um equilíbrio entre a adaptabilidade e a singularidade das ações de microescala e a coerência e a visão estratégica das ações de macroescala? Como os arquitetos e urbanistas atuam na microescala e quais ferramentas e processos podem ser utilizados por eles?

2.2 A urgência: tática *versus* estratégia

O território deve ser compreendido para além de suas características físicas, considerando o olhar e as diferentes necessidades das pessoas que o utilizam. A urgência de soluções urbanas está, frequentemente, ligada às demandas dos grupos vulnerabilizados, afetando o bem-estar social e urbano. Apesar disso, a percepção do espaço pode variar entre os indivíduos, levando a diferentes reivindicações e prioridades.

É na cidade que se chocam, de maneira visível e invisível, nos diferentes tempos do presente, a urgência, a emergência, o presente, o médio prazo e a estratégia; ou seja, por um lado, estão as necessidades do aqui e do agora, por outro, as previsões do futuro, não pela força de adivinhação ou predição, mas por prever e definir o que a cidade quer ser (...). À primeira vista, a urgência e emergência seriam prioridades, no entanto, é necessário tornar simultâneos o presente e o futuro, para conseguir superar verdadeiramente a urgência e a emergência. (MONTANER E MUXÍ, 2020, p. 29-30)

Segundo Montaner e Muxí (2020), existe a necessidade de tornar simultâneos as urgências do presente e o planejamento do futuro, buscando tanto atender às demandas imediatas como colaborar com uma visão de longo prazo. A articulação entre as diferentes temporalidades no planejamento urbano evita que a emergência prejudique o desenho do futuro e que o planejamento não negligencie o urgente.

Com a sua influência na cidade, o planejamento urbano requer uma perspectiva de longo prazo, por isso é preciso ter cautela nas ações de microurbano para que não se contamine apenas das urgências do território, caindo, assim, em armadilhas da atuação no curto prazo. A impaciência com o tempo lento do planejamento urbano a longo prazo e a busca por soluções rápidas podem camuflar problemas estruturais e se tornar um ciclo vicioso.

Conforme Certeau (2008), as práticas se referem às “maneiras de agir” no cotidiano, resultantes de processos históricos, sociais e temporais e mediadas por tecnologias do agir que moldam estratégias e táticas. Essas práticas estratégicas dizem respeito às relações de forças sociais que isolam sujeitos de saber e poder, os quais podem ser indivíduos ou organizações. Exemplo disso são os discursos totalizantes produzidos por organizações e instituições que assumem o papel totalitário, impondo uma ordem sobre os indivíduos e o território, capitalizando o tempo e provocando estabilidade. Essa maneira de agir está frequentemente relacionada com o planejamento a longo prazo, que busca obter uma visão subjetiva e futura em relação à cidade.

Por outro lado, a tática surge em situações em que não há controle ou poder próprio, sendo considerada a “arte do fraco”, por ocupar o espaço do outro e agir dentro das condições impostas. Configuram-se, desse modo, as tecnologias de resistência que não tem por objetivo capitalizar o tempo ou se perpetuar e se contrapõem à estratégia imposta pelas instituições que possuem poder e autonomia (Certeau, 2008). Busca-se, portanto, a ação no curto prazo com uma visão objetiva e relacionada ao presente, imediata em relação à cidade.

Apesar de serem maneiras de agir diferentes em relação à produção da cidade, as duas possuem importâncias complementares ao produzir consensos para uma ação/visão de longo prazo para a cidade, ao mesmo tempo em que, no curto prazo, a ação tática pode evidenciar o dissenso e explicitar os conflitos existentes nos territórios com indivíduos resistindo à ordem imposta. Afinal, quais armadilhas estão presentes na atuação de curto prazo com ações que se propõem a solucionar demandas urgentes? Como essas ações de curto prazo podem incorporar visões de longo prazo para uma atuação mais eficiente? E quais limites e desafios estão presentes nesse processo?

2.3 Conceitos e abordagens de microescala

No contexto urbano contemporâneo, a busca por abordagens inovadoras e eficazes na construção de cidades mais inclusivas e que fortaleçam as dinâmicas locais tem se tornado uma prioridade para diversos profissionais. Entre tais abordagens, pode-se destacar o urbanismo tático, o *placemaking* e o urbanismo colaborativo — conceitos que desempenham papéis fundamentais na redefinição de espaços públicos na microescala e na promoção de um engajamento ativo da comunidade local.

Em primeiro lugar, apresenta-se o urbanismo tático, caracterizado por intervenções locais, temporárias, rápidas e de baixo custo que visam a testar soluções para espaços públicos e catalisar projetos de longo prazo. O *placemaking*, por sua vez, concentra-se na importância dos lugares, considerando suas especificidades e promovendo a participação ativa das comunidades na criação e na revitalização de espaços. Por fim, o urbanismo colaborativo representa um processo de planejamento e gestão do espaço urbano que envolve uma diversidade de atores, incluindo aqueles historicamente excluídos das decisões urbanísticas, e, assim, impulsionando a construção democrática de cidades inclusivas e justas.

Dentro do contexto trazido, exploraremos as características, as potencialidades e os desafios desses conceitos a partir de autores que se destacam na temática. A finalidade é discutir o cenário urbano contemporâneo, destacando seu potencial para transformar nossas cidades em lugares mais humanos e acessíveis.



2.3.1 Urbanismo Tático

Na busca incessante pelo progresso na produção do espaço urbano, é comum que planejadores urbanos e líderes públicos almejem mudanças transformadoras em larga escala no ambiente construído, no entanto é importante reconhecer que, muitas vezes, o caminho para a melhoria da habitabilidade começa em uma escala muito mais próxima das pessoas: a rua, o quarteirão ou o bairro (Lydon, 2011). Assim como o pensamento de Lydon sobre o caminho para a produção do espaço urbano — que batizamos de “espaço coletivo” —, Paulo Freire (2015) apresenta uma visão interessante a respeito do caminho existencial humano, que se alinha à ideia de partir da escala local para a escala universal, a qual entende-se que há valores imbricados, já que tanto o espaço coletivo quanto a vida humana possuem relações fundamentais para seus respectivos desenvolvimentos:

Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela. Quanto mais enraizado na minha localidade, tanto mais possibilidades tenho de me espraiair, me mundializar. Ninguém se torna local a partir do universal. O caminho existencial é inverso. Eu não sou antes brasileiro para depois ser recifense. Sou primeiro recifense, pernambucano, nordestino. Depois, brasileiro, latino-americano, gente do mundo. (FREIRE, Paulo. 2015. p. 25)

Para Lydon (2011), o modelo tradicional de planejamento urbano constantemente coloca os cidadãos em um papel passivo. Eles são convidados a reagir ou validar propostas que, com frequência, são concebidas sem uma verdadeira conexão com seus interesses e em uma escala sobre a qual têm pouco controle. Isso pode levar a um sentimento de desconexão e alienação com relação ao desenvolvimento de seus próprios territórios.

Como alternativa a esse cenário, o urbanismo tático tem ganhado força nos últimos anos, pois reconhece a importância das melhorias pontuais e de pequena escala como um meio eficaz de transformar as cidades. Em vez de esperar por grandes investimentos ou intervenções governamentais de grandes escalas, essa abordagem permite que uma variedade de atores locais possa testar novos conceitos e soluções de baixo custo antes que se realizem mudanças de grande porte. Lydon (2011) listou cinco características para auxiliar na compreensão do urbanismo tático:

- Uma abordagem intencional e faseada para instigar a mudança;
- A oferta de soluções locais para desafios de planejamento local;
- Compromisso de curto prazo e expectativas realistas;
- Riscos baixos, com possivelmente uma recompensa elevada;
- O desenvolvimento do capital social entre os cidadãos e a construção de capacidade organizacional entre instituições público-privadas, organizações sem fins lucrativos e seus constituintes.

Sendo assim, a chave para o sucesso do urbanismo tático é a sua ênfase na participação ativa da comunidade. Em vez de impor soluções de cima para baixo (*top-down*), a abordagem envolve os cidadãos desde o início, permitindo que desempenhem um papel ativo na criação de espaços urbanos temporários, funcionais e agradáveis para a vida cotidiana. É uma resposta ao reconhecimento de que as pessoas que vivem e trabalham em uma área têm um conhecimento íntimo a respeito dela e são capazes de propor soluções necessárias.

O conceito de “tático”, apresentado anteriormente a partir das ideias de Michel de Certeau (2008), contribui para o entendimento da operacionalização do urbanismo tático. Retomando a ideia de “arte do fraco”, podemos concluir que a tática, necessariamente, precisa estar vinculada ou ser definida por grupos que não detêm o poder e a autonomia que geram a visão estratégica das instituições e dos tomadores de decisão. Isso se dá pelo fato de que as ações táticas buscam, entre outros objetivos, evidenciar dissensos a respeito do espaço urbano, com pequenas demonstrações de autonomia para intervir a partir de experimentações fundamentadas em suas ideias.

O urbanismo tático reconhece, ainda, que as cidades são organismos vivos em constante evolução, e intervenções de pequena escala servem como experimentos temporários que podem ser ajustados e adaptados com base na avaliação da comunidade. Há, portanto, um grande contraste com relação às abordagens tradicionais, que, muitas vezes, envolvem compromissos políticos e financeiros de grande porte e se tornam “permanentes” antes mesmo que os resultados sejam testados e avaliados.

Assim, o caráter de experimentação do espaço público ganha força na medida em que busca atender às demandas contemporâneas das cidades no curto prazo, através de ações e soluções criativas e locais.

Experimentação é uma forma vital de abordar a complexidade crescente das cidades, a procura de novos tipos de planejamento alternativo, capazes de absorver o que emerge e é gerado pelos meios urbanos. Providenciar espaço para isto - o lugar de encontro - demanda uma valorização da descoberta de qualidades do espaço, além de sua reinterpretação. Novas conexões e redes estratégicas focam processos locais abertos a táticas bottom up (de baixo pra cima), experiências localizadas que carregam consigo a intenção de mudança dos locais a partir de novas operações arquitetônicas. As práticas urbanas coletivas buscam novas ferramentas capazes de lidar com essas realidades urbanas emergentes. A cidade real - interceptada como campo para experimentação - é um espaço construído a ser revelado, passível de ação local. ROSA, Marcos L. (2011, p.14)

Compreender a dinâmica na qual tanto o mundo molda o homem quanto o homem molda o mundo (Park, 1967) destaca a importância da experimentação e da intervenção ativa nos espaços urbanos. Ao reconhecer que somos sujeitos ativos na transformação do ambiente que nos cerca (Harvey, 2012), torna-se necessário que todos tenham a oportunidade de contribuir para a evolução de suas comunidades. Isso não apenas empodera os indivíduos como agentes de mudança, mas também enriquece o repertório coletivo ao ampliar

a vivência de possíveis usos na cidade. Compreender que somos sujeitos inacabados (Freire, 2016) implica que os espaços urbanos também são igualmente fluidos e mutáveis.

A cidade é [...] A tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo. (PARK, Robert. 1967).

Se Park está certo, a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são nossos valores estéticos. O direito à cidade, portanto, [...] é um direito de mudar e reinventar a cidade de acordo com nossos mais profundos desejos. (HARVEY, David. 2012).

Estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, [...] sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível. É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. (FREIRE, 2016, p.57)

Em resumo, o Urbanismo Tático é uma poderosa ferramenta para a melhoria da qualidade de vida urbana. Promovendo a inovação, ele capacita as comunidades a desempenhar um papel ativo na transformação de seus espaços e permite que intervenções de pequena escala abram caminho para investimentos maiores. À medida que nossas cidades continuam a crescer e a evoluir, essa abordagem centrada nas pessoas se mostra cada vez mais relevante e eficaz.

2.3.2 Placemaking

O *placemaking* não é uma ideia nova. Sua raiz pode ser rastreada até décadas atrás. Embora o termo tenha sido sistematicamente adotado pela Project for Public Spaces (PPS⁴), na década de 1990, a abordagem começou a ser adotada na década de 1960, quando Jane Jacobs e William H. Whyte trouxeram ideias de planejamento urbano centrado nas pessoas, afastando-se da ênfase tradicional em carros e shoppings. (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2007)

A concepção de placemaking, tal como definida pela PPS, vai além do âmbito do *design* urbano. Trata-se de uma concepção ampla e uma abordagem pragmática voltada para a revitalização de lugares. Essa perspectiva incita os indivíduos a se unir e reimaginar os espaços públicos, reafirmando-os como o epicentro de cada comunidade. Ao fortalecer as conexões entre as pessoas e os locais que compartilham, o *placemaking* se configura como um processo colaborativo que enriquece a produção dos espaços públicos ao maximizar o valor compartilhado. Dessa maneira, promove formas criativas de utilização, enquanto abraça as identidades físicas, culturais e sociais que definem um lugar, promovendo, assim, sua contínua evolução.

A PPS desenvolveu 11 princípios-chave para transformar espaços públicos em locais comunitários vibrantes, sejam eles parques, praças, ruas, calçadas ou quaisquer outros espaços com usos públicos:

4. Organização sem fins lucrativos criada por Fred Kent, que se dedica a ajudar pessoas a criar e manter espaços públicos que fortaleçam a comunidade.

01 IDEIAS IMPLÍCITAS

“A comunidade é o especialista”

Um importante ponto de partida no desenvolvimento de um conceito para qualquer espaço público é identificar e reconhecer os conhecimentos e habilidades da comunidade. Em qualquer comunidade, existem pessoas que podem fornecer uma perspectiva histórica, informações valiosas sobre o funcionamento da área e uma compreensão de questões críticas.

“Crie um lugar, não um design”

O objetivo é criar um local que tenha um forte sentido de comunidade e uma imagem confortável, bem como um ambiente e atividades que coletivamente resultem em algo mais do que a soma das suas partes isoladas. A essência reside em criar um espaço que transcende meramente o seu desenho físico.

“Procure parceiros”

A busca por parceiros desempenha um papel crucial em qualquer projeto. Seja no estágio inicial, quando a concepção do projeto está tomando forma ou posteriormente, quando se busca enriquecer ideias e desenvolver cenários a partir da colaboração com dezenas de parceiros. Essas alianças se revelam de suma importância para impulsionar o objetivo do projeto.

*“Eles sempre dizem:
Isso não pode ser feito”*

Uma das ideias de Yogi Berra é: “Se dizem que não pode ser feito, provavelmente não pode ser feito daquele jeito”. Criar bons espaços públicos envolve, inevitavelmente, encontrar obstáculos e buscar superá-los.

TÉCNICAS DE PLANEJAMENTO E DIVULGAÇÃO

“Tenha uma visão”

A visão geral precisa sair de cada comunidade, no entanto é essencial a ideia de que o espaço deve ser confortável e ter uma boa imagem, além de ser um local valorizado pelas pessoas. Deve incutir um sentimento de orgulho nas pessoas que vivem e trabalham na área circundante.

“Você pode ver muito apenas observando”

Todos nós podemos aprender muito com os sucessos e fracassos de outras práticas. Observando como as pessoas utilizam os espaços públicos e descobrindo o que gostam e o que não gostam neles, é possível avaliar o que os faz funcionar. Quando os espaços forem construídos, deve-se continuar a observá-los para entender como evoluem e podem ser geridos ao longo do tempo.

“A forma apoia a função”

A forma e a função estão intrinsecamente ligadas. Embora o *design*, ou a forma, desempenhe um papel vital na configuração de um espaço, ele não existe em um vácuo. A contribuição ativa da comunidade e dos possíveis parceiros, a compreensão de como outros espaços funcionam, a experimentação e a superação de obstáculos são elementos cruciais que conferem vida e significado a qualquer ambiente.

“Triangular”

“Triangulação é o processo pelo qual algum estímulo externo fornece uma ligação entre as pessoas e leva estranhos a falar com outros estranhos como se os conhecessem” (Holly Whyte). Em um espaço público, a escolha e a disposição de diferentes elementos entre si podem colocar em movimento (ou não) o processo de triangulação.

“Experiência: mais leve, mais rápida, mais barata”

A complexidade dos espaços públicos é tal que não se pode esperar fazer tudo inicialmente. Os espaços podem experimentar melhorias de curto prazo, sendo testadas e refinadas ao longo de muitos anos.

IMPLEMENTAÇÃO

“Dinheiro não é o problema”

Esta afirmação pode ser aplicada de diversas maneiras. Se a comunidade e outros parceiros estiverem envolvidos na programação e em outras atividades, pode-se diversificar e diluir alguns custos. Mais importante é que o espaço ganhe vitalidade.

“Você nunca termina”

Por natureza, bons espaços públicos que respondem às necessidades, às opiniões e às mudanças em curso da comunidade requerem atenção continuada. As necessidades mudam e outros fatores podem acontecer em um ambiente urbano. Estar aberto à necessidade de mudança e ter flexibilidade de gestão para implementar essa mudança é o que constrói grandes espaços públicos e grandes cidades.

(PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2007, tradução nossa)

A relação intrínseca entre o desenvolvimento de um espaço e de uma comunidade é evidente. É necessário um local físico de qualidade para que uma comunidade se encontre, compartilhe experiências e se desenvolva. Da mesma forma, são a força e a identidade de uma comunidade que dão vida a um espaço, enchendo-o de propósito, significado e vitalidade. Essa relação simbiótica entre lugar e comunidade é o cerne do fortalecimento de laços sociais, do fomento a conexões e do cultivo de um senso de pertencimento que, por sua vez, transforma simples locais em verdadeiros espaços comunitários.

2.3.3 Urbanismo Colaborativo

Em uma sociedade cada vez mais rápida e interligada, emergem novos problemas que desafiam as respostas convencionais do modelo de desenvolvimento urbano atual. Para explorar alternativas de convivência mais democráticas, é crucial ampliar a variedade de vozes que influenciam a configuração das cidades. Isso envolve a promoção de diversas perspectivas e a busca por ambientes urbanos colaborativos.

A convergência da pesquisa acadêmica com o ativismo e sua aspiração de transformação social dá origem ao conceito de urbanismo colaborativo. Esse enfoque engloba o planejamento, a governança e a ação no ambiente urbano, promovendo a integração de atores tradicionalmente marginalizados a aqueles já estabelecidos no propósito de construir cidades mais inclusivas e democráticas. Para a sua realização, é fundamental a incorporação dos conhecimentos empíricos, saberes e habilidades da população na construção coletiva de objetivos compartilhados (Rede de Urbanismo Colaborativo, 2018).

O urbanismo colaborativo, portanto, tem seu foco na colaboração entre esses diversos atores, entendendo que, necessariamente, essa ação coletiva é a chave para a construção democrática de cidades. Em 2018, a Rede de Urbanismo Colaborativo⁵ lançou um manifesto em defesa de processos mais democráticos e inclusivos, no qual apresenta algumas características e valores atrelados a essa prática:

5. A Rede de Urbanismo Colaborativo reúne diversos grupos e organizações brasileiras que compartilham o objetivo de promover cidades mais inclusivas, democráticas e socialmente justas.

Mais que aglomerados de pessoas, as cidades são expressões individuais e coletivas da cultura de um povo. O sucesso com que essa manifestação se constitui e se traduz em qualidade de vida é um reflexo direto da sociedade. A cidade é também onde se materializam a segregação socioespacial, a violência e outras questões oriundas das assimetrias historicamente presentes na formação de um país.

Por um lado, temos visto a intensificação dos problemas urbanos nas cidades do mundo em desenvolvimento que crescem em velocidade superior à capacidade de resposta do Estado. Estamos construindo cidades num ritmo maior do que conseguimos planejá-las, restringindo o acesso das pessoas a melhores oportunidades e a um meio ambiente equilibrado. Por outro lado, vemos o avanço da informatização e a popularização do acesso à informação e à conectividade entre grupos que compartilham afinidades e opiniões. Assistimos ao crescente desafio de integração dos diferentes contextos sociais, ao mesmo tempo em que uma grande oportunidade nos é dada, de construirmos um novo modelo de gestão da cidade que se utiliza das inovações tecnológicas e, sobretudo, das próprias paixões que movem os seres humanos como maior força motriz de transformação.

Conjugando o ativismo, os estudos acadêmicos e o desejo de mudança da própria sociedade, surge o urbanismo colaborativo. Trata-se do processo de planejamento, gestão e ação sobre o espaço urbano envolvendo atores tradicionalmente excluídos de tais dinâmicas junto aos atores já estabelecidos, fomentando a construção democrática de cidades inclusivas. Para sua efetivação, os saberes empíricos, a força de vontade, potencialidades e talentos da população são indispensáveis na construção coletiva dos objetivos comuns.

Indo além do paradigma da participação, buscamos avançar para o estágio da cocriação do espaço urbano e para a colaboração como instrumento de transformação. Esta mudança parte do fomento à autonomia dos cidadãos para se engajarem em práticas colaborativas entre sociedade civil organizada, agentes privados, o Estado, instituições acadêmicas e de pesquisa e a população em geral. Um ambiente favorável à colaboração se caracteriza por diversos aspectos, sendo protagonistas a transparência, a horizontalidade, o respeito, a confiança nos processos, a empatia, espaços institucionais e suporte financeiro.

A colaboração não deve ser compreendida como obrigação, mas como direito cidadão e instrumento estratégico para a construção do tecido social e de um desenvolvimento urbano que seja ao mesmo tempo efetivo e inclusivo, que permita a transformação das cidades em lugares mais democráticos, reforçando a identidade coletiva e o senso de pertencimento e vizinhança. A intensificação da democracia permite que se desenvolvam alternativas de ação a partir de diversos atores, em que as demandas pelo acesso e direito à cidade e as soluções para as necessidades observadas insurgem das iniciativas coletivas e não apenas do planejamento centralizado ou puramente tecnicista.

O poder público é o agente executor com a legitimidade legal de gestão da cidade. Tendo o urbanismo colaborativo como um conjunto de ideias e processos, cabe ao Poder Público:

- *Conduzir processos transparentes, ao propiciar espaços físicos e virtuais institucionalizados de participação social e cocriação de projetos urbanos e políticas públicas.*
- *Garantir um ambiente de diálogo permanente com a população nos processos de tomada de decisão, fazendo uso das tecnologias de comunicação.*
- *Implantar e fortalecer conselhos locais e temáticos deliberativos nas diferentes escalas de poder, estabelecendo regras claras e democráticas de acesso e composição paritária entre Estado e sociedade civil.*
- *Privilegiar o financiamento de ações e projetos colaborativos, dando escalabilidade às soluções propostas e prototipadas pela própria comunidade.*
- *Enfrentar os entraves jurídicos e burocráticos para a experimentação e coprodução de soluções.*
- *Desenvolver e implementar leis que deem suporte às iniciativas cidadãs, abrindo a possibilidade para a gestão compartilhada dos espaços públicos para o uso comum.*

Os cidadãos, conscientes de suas necessidades e direitos, são o melhor agente de resolução de problemas e ação sobre o espaço urbano. Na implantação do urbanismo colaborativo, cabe aos diversos atores da sociedade civil:

- *Buscar entender seus direitos básicos e seus deveres como cidadãos.*
- *Ocupar e fiscalizar os espaços institucionais de discussão e cocriação da cidade.*
- *Apropriar-se e influenciar os processos de criação e melhoria de políticas públicas.*
- *Engajar-se nas ações coletivas de transformação dos seus territórios.*
- *Ser motor dos processos de transformação.*

A fim de dar suporte e facilitar os processos de cocriação, coprodução e cogovernança, precisamos da capacitação e envolvimento de profissionais de diversas áreas do conhecimento. A complexidade das questões urbanas pede soluções integradas transdisciplinares que conjuguem os mais diversos saberes técnicos. O papel dos profissionais é não apenas fornecer apoio técnico e conhecimento acumulado de outros processos, mas também mediar conflitos e atuar na formação e conscientização cidadã.

Por fim, é fundamental que as cidades sejam pensadas e construídas não apenas a partir da ótica quantitativa, da análise e levantamento de dados, mas a partir da perspectiva qualitativa, sensível às percepções, potências e responsabilidades de todos os atores que a compõem. Que o tempo decorrido seja considerado como uma das dimensões de projeto, que a colaboração seja um conceito transversal e a qualidade de vida e humanização seja um pré-requisito em todas as etapas de intervenção. Que a sociedade civil seja autônoma para se apropriar dos processos de desenvolvimento urbano pactuados socialmente, trazendo estabilidade às variações decorrentes das mudanças de governo e possíveis descontinuidades de políticas públicas.

Acreditamos que a colaboração é fundamental para que possamos atingir os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável, buscando cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis. Temos consciência de que o planeta é um só e as cidades são potenciais pólos de discussão e mitigação das mudanças climáticas e devem reduzir sua pegada ecológica. Por meio deste documento e de nossas ações em rede queremos fortalecer os meios de implementação dos ODS e a parceria global para o desenvolvimento sustentável.

Vamos construir de maneira colaborativa o nosso território, uma comunidade de cada vez, e atuar por um futuro mais justo e equitativo.

2.4 Processos dialógicos e o papel do arquiteto e urbanista

Os estudos de Paulo Freire possuem aspectos fundamentais para a compreensão do papel dos arquitetos e urbanistas nos processos de transformação das cidades a partir da participação social e na práxis de um fazer libertador, que problematize o mundo e conscientize os sujeitos sobre seu papel histórico de transformação da realidade. Em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire (2019) expõe a importância e a necessidade de uma pedagogia dialógica emancipatória⁶ do oprimido, que se oponha à classe dominante, contribuindo, desta forma, para a sua libertação (da situação de oprimido) e sua transformação através da práxis, enquanto unificação de ação e reflexão.

A abordagem de Freire (2019) pode ser aplicada aos processos urbanos, os quais os métodos tradicionais de produção urbana, favorecendo determinados grupos e territórios em detrimento de outros, são equiparados à classe dominante. O urbanismo participativo, por outro lado, é visto como uma contraposição, permitindo que grupos historicamente marginalizados tenham voz e ação na transformação de seus espaços urbanos. Estes grupos frequentemente carecem de investimentos em melhorias urbanas, enfrentando condições precárias em seus territórios.

A partir das ideias de Freire, podemos inferir que há, também, a necessidade de repensar e reequilibrar os processos urbanos, tornando-os mais inclusivos e participativos, a fim de atender às demandas de todos os segmentos da sociedade e superar as disparidades existentes nas cidades. Uma lição fundamental que podemos extrair de sua obra é a de que, como urbanistas, enfrentamos um momento de decisão política essencial. Ao considerar a dicotomia entre opressores e oprimidos, notamos que, assim como a educação precisa tomar partido, nós, arquitetos e urbanistas, também somos convocados a fazer uma escolha.

6. Consiste em um processo pedagógico capaz de construir uma reflexão sob a forma de diálogo entre mais de uma pessoa, com a capacidade de torná-los conscientes do conhecimento e com isso conseguir autonomia e independência.

Uma das alternativas a ser escolhida é a de perpetuar a opressão, restringindo a voz dos indivíduos, apresentando o mundo como algo dado e imutável, negando-lhes sua humanidade e excluindo-os do processo de construção da cidade. A outra opção é adotar uma abordagem de urbanismo libertador, uma prática que problematiza o mundo, desperta a consciência dos cidadãos sobre seu papel histórico, cuja vocação é ser mais⁷ e os incentiva como agentes ativos na transformação de sua própria realidade, inclusive na criação do espaço em que vivem.

E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos - libertar-se a si e aos opressores. Estes, que oprimem, exploram e violentam, em razão de seu poder, não podem ter, neste poder, a força da libertação dos oprimidos nem de si mesmos. Só o poder que nasce da debilidade dos oprimidos será suficientemente forte para libertar ambos. Por isto é que o poder dos opressores, quando se pretende amenizar ante a debilidade dos oprimidos, não apenas quase sempre se expressa em falsa generosidade, como jamais a ultrapassa. (FREIRE. 2019, p.41)

Em resumo, a mensagem de Freire nos desafia a optar por um urbanismo que, não apenas projete com os indivíduos, mas que empodere e fortaleça a autonomia das pessoas a serem protagonistas de suas próprias vidas e do

7. Este termo é utilizado por Freire como vocação ontológica do ser humano, em que os sujeitos buscam ser sujeitos históricos com ímpeto de transformação do mundo.

ambiente urbano que compartilham. Em outras palavras, agir em processos de conscientização sobre a realidade em que estão inseridos.

O fato é que Freire nos concede um olhar a partir da contradição opressores *versus* oprimidos, e, com isso, deparamo-nos com duas formas opostas de agir. Nas ações de produção do espaço, essas duas alternativas, muitas vezes, atuam de maneira simultânea, mostrando as diferentes contradições de levar a teoria para a prática. Caberia a nós, arquitetos e urbanistas, aprimorar o olhar para esses processos, buscando refazer os métodos e processos de planejamento de forma contínua e potencializando um processo dialógico.

A nossa preocupação, neste trabalho, é apenas apresentar alguns aspectos do que nos parece constituir o que vimos chamando de pedagogia do oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade. (FREIRE. 2019, P.43)

Em Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire aprofunda as duas abordagens de ação - a opressora *versus* a libertadora, a reacionária *versus* a revolucionária⁸ em termos de sua aplicação prática, introduzindo o conceito de ação cultural⁹ como um meio para compreender melhor essas dinâmicas. Novamente, ele coloca diante de nós, urbanistas, uma decisão crucial.

8. A forma de agir reacionária seria a de preservar ou restaurar sistemas de poder existentes ou valores tradicionais, enquanto a revolucionária desafia o **status quo** e promove uma abordagem crítica e transformadora da realidade.

9. Uma forma sistematizada e deliberada de ação que incide sobre a estrutura social, ora no sentido de mantê-la como está, ora no de transformá-la.

A primeira opção é adotar uma abordagem antidialógica, que busque conquistar, manipular, dividir e, culturalmente, invadir as comunidades oprimidas. Nesse cenário, o urbanismo assume um papel dominante, como o condutor do projeto, e é visto como o especialista que detém um conhecimento superior, portanto, impondo suas ideias de cima para baixo.

Opõe-se a isso abraçar uma prática de urbanismo genuinamente colaborativa, na qual a ênfase está em unir e organizar as comunidades. Ao invés de impor conhecimentos e métodos externos, valoriza-se e se reconhece os saberes e práticas já existentes na comunidade. O processo se torna colaborativo, resultando em uma síntese cultural¹⁰ que incorpora os conhecimentos diversos desses atores para a produção do espaço urbano.

10. A síntese cultural pretende a integração dos conhecimentos dos homens e suas ações no mundo, apresentando-se como instrumento de superação de uma cultura alienante.

No campo antidialógico, algumas formas de agir se destacam:

- **Conquistar:** a abordagem dominante busca conquistar seu oponente, impondo seu conhecimento como a única verdade.
- **Manipular:** a manipulação é utilizada como uma ferramenta para atingir seus objetivos, moldando as pessoas de acordo com sua vontade.
- **Dividir:** a estratégia de divisão é empregada para fragmentar grupos, individualizando problemas e, assim, enfraquecendo opiniões e conhecimentos, tornando mais fácil a conquista.
- **Invasão Cultural:** tática antidialógica que visa impor uma visão de mundo, muitas vezes através do conhecimento ou soluções impostas.

No espectro dialógico, encontramos as seguintes abordagens:

- **Colaboração:** os sujeitos se unem com o objetivo de colaborar na transformação do mundo, promovendo uma relação mútua de respeito e cooperação.
- **Unir para a Libertação:** abordagem que enfatiza a união como uma forma de poder, oposta à ideia de um poder centralizado.
- **Organização:** ao contrário da manipulação, a organização da população é vista como uma maneira de alcançar a unidade, fortalecendo o coletivo.
- **Síntese Cultural:** visa a superar as contradições e fragmentação do conhecimento individualizado, promovendo um diálogo que une diferentes perspectivas e visões de mundo.

Ainda referente às formas de agir, podemos evidenciar limitações que estariam relacionadas à atuação do urbanismo emergente, como as atribuições dos atores envolvidos em relação à gestão e à produção do espaço público, que são atribuições predominantemente do poder público e à ausência muitas vezes de recursos e de equipe técnica especializada.

Quanto ao papel do urbanista e à análise das contribuições de Paulo Freire para uma práxis libertadora no campo do urbanismo, é notório e inequívoco o papel que ele nos reserva, delineando claramente tanto o que devemos fazer quanto o que devemos evitar. É quase como se o livro fosse uma mensagem direta a nós, arquitetos e urbanistas, indivíduos que se identificam com os oprimidos, compartilham de suas dores e aspiram lutar ao seu lado. Essa conexão profunda com a condição dos oprimidos é ressaltada na epígrafe do livro, que diz:

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo com eles lutam. (FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido, epígrafe)

Essa citação reforça o compromisso e a solidariedade que Freire espera (também) dos urbanistas, convidando-nos a não apenas reconhecer as lutas dos oprimidos, mas a unir forças com eles, compartilhar de suas lutas e ser parte ativa na busca pela transformação da realidade.

No contexto do urbanismo, cabe a nós, urbanistas especializados, mostrar que todos têm o potencial de ser “urbanistas”. Isso não significa, no entanto, que nosso papel se encerra aí. Pelo contrário, o processo dialético de síntese cultural, como discutido por Freire, surge do confronto dos conhecimentos e práticas de ambos os atores - especialistas e população. Todos têm responsabilidades e espaços para valorizar os conhecimentos e práticas que possuem, tanto os especializados quanto os populares.

Paulo Freire destaca que o papel do especialista é fundamental, mas ele deve entender seu conhecimento em contexto com a realidade dos outros. Esse conhecimento não deve ser imposto, mas construído em colaboração. A emancipação e o empoderamento só podem ser alcançados verdadeiramente quando as soluções são desenvolvidas em conjunto, levando em consideração as necessidades e perspectivas das pessoas envolvidas. Freire não se opõe à aplicação do conhecimento técnico, mas defende um processo dialético e participativo.



Capítulo 03

ANÁLISE DO PROCESSO

REALIZADO NO
PROJETO PULSA
BAIRRO

A fim de gerar informações como parte do esforço em diminuir a distância entre o pensamento crítico, mais especificamente o relacionado às ações de microubanismo no curto prazo, e as ações transformadoras dos espaços urbanos, pretende-se construir um método de análise do Projeto Pulsa Bairro. Com base nas referências teóricas levantadas até aqui, serão abordados três eixos de análise para, desse modo, entender pontos específicos do processo desenvolvido.

O primeiro eixo consiste no método e nas ferramentas adotadas pelo coletivo Massapê no projeto, buscando caracterizá-lo a partir dos conceitos apresentados nas referências teóricas, identificar suas limitações e potencialidades e entender o contexto ao qual foram aplicados. Em segundo lugar, está o ponto que aborda a colaboração dos moradores e o papel do arquiteto, no qual se analisa quais e como foram desenvolvidos esses elementos, além de buscar entender em que medida a colaboração dos moradores seguiram uma abordagem dialógica. Por fim, estão os resultados das intervenções, em que se reflete sobre como elas visam fortalecer a vida cotidiana e as características locais.

3.1 Método, estratégia e ferramentas adotados no Projeto Pulsa Bairro

O projeto Pulsa Bairro apresenta características que se alinham com a abordagem do urbanismo emergente de várias maneiras, como a participação comunitária, o processo *bottom-up*, a colaboração/experimentação e a ênfase na ação direta. O urbanismo emergente valoriza a participação ativa dos cidadãos na criação e na transformação dos espaços urbanos. No Pulsa Bairro, a comunidade de Entra Apulso é envolvida em todas as etapas do projeto,

desde a identificação de necessidades até a implementação das intervenções. Isso reflete a ideia de que as pessoas que habitam a área são agentes ativos na construção da cidade.

Do mesmo modo, baseia-se em processos *bottom-up*, nos quais as ideias e ações surgem de baixo para cima, muitas vezes de maneira espontânea e auto-organizada. O Pulsa Bairro se concentra em intervenções de qualificação dos espaços já criados pela comunidade no curto prazo e com baixo custo, permitindo que a comunidade participe ativamente da transformação dos espaços de convivência. O fato dessas intervenções serem construídas na colaboração entre o terceiro setor e os moradores da comunidade coloca essas intervenções como ações complementares ao planejamento tradicional.

O urbanismo emergente envolve experimentações urbanas realizadas por cidadãos comuns ou grupos organizados. No Pulsa Bairro, o Coletivo Massapê colabora com a comunidade para identificar e implementar intervenções táticas que buscam melhorar os espaços públicos. Estas são experimentações que visam a qualificar os ambientes de convívio sem a intenção de consolidar o espaço por definitivo. Conforme mencionado por Freire (2009), o urbanismo emergente não se limita apenas ao debate e à deliberação, mas valoriza a ação direta na construção da cidade. As intervenções realizadas no projeto são concretas e de curto prazo, o que reflete essa ênfase na ação direta.

O Pulsa Bairro, portanto, apresenta-se como um exemplo de urbanismo emergente, pois adota uma abordagem *bottom-up*, envolve a comunidade de forma participativa, promove colaboração e experimentação e busca soluções por meio da ação direta. Tudo isso visando melhorar o ambiente urbano de maneira inclusiva e sustentável. Ele também incorpora elementos do urbanismo colaborativo e do *placemaking* em sua abordagem. Essa convergência fortalece ainda mais a proposta do projeto e a sua capacidade de transformar positivamente a comunidade de Entra Apulso.

De maneira geral, o urbanismo colaborativo se baseia na ideia de que a criação e a transformação dos espaços urbanos devem ser fruto de colaboração e cooperação entre diferentes partes interessadas, incluindo moradores, organizações locais e autoridades governamentais. No Pulsa Bairro, essa abordagem colaborativa é evidente na parceria entre o Instituto Shopping Recife, o Coletivo Massapê, a comunidade local e outros grupos que participaram do processo. Isso permite que ideias sejam compartilhadas, recursos sejam combinados e ações sejam implementadas de forma conjunta. Não apenas fortalece o projeto, mas também promove um senso de propriedade compartilhada sobre os espaços públicos revitalizados.

Já o conceito de *placemaking* está fortemente relacionado à criação de espaços públicos que se tornam locais de encontro e convívio da comunidade. O Pulsa Bairro se encaixa nessa definição, uma vez que busca qualificar e revitalizar os espaços de convivência comunitária que já são ocupados. Ao envolver ativamente os moradores nas intervenções, o projeto não apenas melhora a qualidade física dos espaços, mas reforça seu significado cultural e social. Eles passam a ser vistos como locais de pertencimento e expressão da identidade da comunidade, promovendo conexões mais profundas entre as pessoas e seus lugares.

Apesar de atuar com ações táticas, o projeto pulsa bairro não realizou uma avaliação dos resultados dessas intervenções com o objetivo de gerar recomendações para ações de longo prazo, desta forma, distanciando do conceito de urbanismo tático apresentado anteriormente. Assim, as intervenções que foram realizadas pelo projeto possuíam caráter de experimentação, com o objetivo de atender demandas urgentes, fortalecendo a vida cotidiana e os diversos aspectos históricos e culturais descobertos no ciclo de aproximação.



INSTITUTO
SHOPPING
RECIFE

QUAL A SUA
SONHO
DE EXTRA APULSO?

AL USO O...
DE EXTRA APULSO PÃO:

PULSA FORTE
DE EXTRA APULSO

E.3

3.1.1 Método

O projeto Pulsa Bairro adotou uma abordagem metodológica concentrada nos dois primeiros ciclos da metodologia do Coletivo Massapê, conhecidos como Ciclo Aproximação e Ciclo Fazendo Lugares Juntos. A escolha estratégica se deu pela necessidade de abordar questões imediatas e urgentes na comunidade de Entra Apulso e pela falta de interesse e recursos do financiador do projeto para realizar o terceiro ciclo. Devido a isso, o projeto enfrentou o desafio de não considerar uma visão de longo prazo para o território, deixando de lado o terceiro ciclo, denominado Visão de Futuro.

O Ciclo Visão de Futuro, que não foi incorporado, desempenha um papel crucial ao garantir que as ações de curto prazo estejam alinhadas com uma visão estratégica de longo prazo para o território. É nesse ciclo que as comunidades e os parceiros envolvidos podem conceber um plano de gestão sustentável para os espaços urbanos revitalizados. Isso envolve a criação de acordos de manutenção e a previsão de possíveis desdobramentos futuros.

Um dos principais desafios para a execução do Ciclo Visão de Futuro no Pulsa Bairro foi a falta de recursos e o interesse limitado por parte do Instituto Shopping Recife — o que mostra a dependência do projeto em relação aos interesses do ISR. Em resumo, embora o projeto Pulsa Bairro tenha se concentrado em abordar questões urgentes e imediatas da comunidade, é essencial reconhecer a importância de incorporar uma visão de futuro para garantir que as ações de curto prazo não sejam apenas paliativas e contribuam para uma transformação duradoura e sustentável do território.

3.1.2 Estratégia

A decisão de dividir a comunidade de Entra Apulso em quatro áreas distintas (Área 01, Área 02, Área 03 e Área 04) demonstrou ser uma estratégia eficaz para várias finalidades no desenvolvimento do Pulsa Bairro.

Primeiramente, essa abordagem contribuiu de maneira significativa para manter os diferentes grupos da comunidade envolvidos e engajados durante todo o processo. Ao focar nas necessidades específicas de cada área, o projeto conseguiu estabelecer uma conexão mais profunda com os moradores e atender às demandas locais de forma mais ágil. Isso resultou em um processo contínuo, sem grande desmobilização da população.

Além disso, a divisão em áreas se mostrou fundamental para viabilizar o projeto financeiramente. Dividindo o projeto em fases e áreas menores, o Coletivo Massapê pôde gerenciar os recursos de forma mais eficiente, otimizando os investimentos em cada etapa, além de coordenar um grupo técnico menor.

É importante reconhecer, porém, que a execução simultânea dos Ciclos Aproximação e Fazendo Lugares Juntos em diferentes áreas também trouxe algumas implicações. A principal delas foi a falta de conhecimento do território como um todo antes de realizar as intervenções. Ao trabalhar em várias áreas ao mesmo tempo, o projeto pode ter deixado de lado uma análise abrangente das necessidades e características de Entra Apulso, algo que, possivelmente, enfraqueceu a noção de unidade do território, pois cada área possui suas particularidades e desafios.

Em resumo, a estratégia de dividir a comunidade em áreas e realizar ações de forma faseada se mostrou eficaz para manter o engajamento dos moradores e viabilizar financeiramente o projeto, mas trouxe, também, desafios, como a falta de uma perspectiva mais abrangente do território antes das intervenções.

3.2 A colaboração dos moradores e o papel do arquiteto

Com o objetivo de contribuir para a ampliação das possibilidades de uma atuação de arquitetos e urbanistas em processos participativos para a produção de espaços urbanos a partir de uma abordagem dialógica, torna-se essencial a observação crítica da relação estabelecida entre cidadãos e técnicos/especialistas durante o processo e a aplicação das ferramentas. Ainda que forças externas¹¹ à prática de urbanismo emergente exerçam uma influência dominante sobre a produção dos espaços urbanos, é perceptível que os especialistas, arquitetos e urbanistas, assumem um tipo de controle e ocupam uma posição de autoridade, seja desenhando o processo ou conduzindo-o, e, conseqüentemente, compartilham a responsabilidade pelas oportunidades e limitações em relação à construção de uma ação dialógica.

3.2.1 Aproximação

No Ciclo de Aproximação, as ferramentas desenhadas proporcionaram um entendimento a respeito da comunidade a partir da organização das informações em: o perfil da comunidade; o lugar; as memórias; as formas de expressão e as celebrações; e os saberes locais. Para isso, foram utilizadas as seguintes ferramentas: questionários, entrevistas, mapeamentos, diários de campo e o aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp. Após sua aplicação, o produto foi organizado em um caderno em que todas as informações coletadas foram apresentadas.

Quanto aos questionários, mapeamentos e diários de campo, foram contratados moradores para trabalharem como pesquisadores. A partir de uma jornada formativa, tanto a equipe do Massapê quanto os habitantes da co-

11. Forças econômicas e institucionais, exercidas pelo ISR, ao financiar o projeto e delimitar o escopo principal, e da Prefeitura, que detém a responsabilidade de urbanização permanente da comunidade e de gestão dos espaços públicos.

munidade puderam colaborar para o desenho de aplicação da ferramenta. A equipe do coletivo ficou responsável por elaborar as questões investigativas e aproximar os pesquisadores do uso das ferramentas; já os pesquisadores buscaram adaptar as questões ao vocabulário local, facilitando o entendimento dos pesquisados. Além disso, os pesquisadores tiveram autonomia para relatar no diário de campo, através de diversas linguagens, como desenhos, palavras e relatos, as diferentes observações referentes ao cotidiano durante a aplicação dos instrumentos. Eles também ajudaram com a construção dos percursos de aplicação das pesquisas, já que conheciam o território e identificavam boa parte dos espaços e moradores da comunidade.

As entrevistas, por sua vez, ajudaram a evidenciar as narrativas sobre a história e a memória local a partir de personagens que possuíam algum tipo de representatividade¹². Essa ferramenta fortaleceu a perspectiva do território sob a compreensão de quem vive e produz na comunidade. Também foram entrevistadas três pessoas da equipe do ISR, sendo duas delas moradoras de Entra Apulso que atuam diretamente nos projetos sociais no território.

O WhatsApp, aplicativo escolhido, é largamente utilizado pelas pessoas da comunidade para comunicação instantânea e foi explorado como elemento remoto de investigação no Ciclo Aproximação durante a pandemia. Demonstrou ser uma ótima estratégia para adequar os instrumentos de coleta a ferramentas que já estão inseridas no cotidiano da população. Além disso, a plataforma funcionou como um canal de diálogo entre os moradores e a equipe do projeto, pela qual foram recebidos vídeos, fotos e narrativas que ajudaram a localizar e ilustrar os pontos que permeiam a memória, as formas de expressão e as celebrações na comunidade. Priorizou-se, assim, a voz, as ideias e a vivência dos habitantes no momento de definir quais seriam os locais passíveis de intervenção.

12. A representatividade foi baseada na citação dessas pessoas durante os questionários realizados com os moradores.

Ao analisar as ferramentas e abordagens adotadas neste processo de transformação urbana à luz das ideias de Paulo Freire, torna-se evidente que muitos dos aspectos fundamentais para uma colaboração eficaz entre os moradores e os arquitetos foram incorporados de maneira positiva. Primeiramente, a participação dos moradores foi incorporada ao processo, e eles tiveram a oportunidade de expressar suas preocupações, sonhos e visões sobre o ambiente em que vivem.

Além disso, a população foi inserida como parte da equipe técnica do projeto. Foram feitas capacitações com informações relevantes e ferramentas que lhes permitiram desempenhar um papel ativo na investigação sobre a comunidade, além de colaborar para o desenvolvimento dessas ferramentas. Outra característica marcante deste ciclo foi a possibilidade de reflexão e ajustes das ferramentas com base na realidade local, seja por conta da pandemia, seja pela adequação de instrumentos de pesquisa ao cotidiano da população. Sendo assim, houve um esforço genuíno para valorizar as perspectivas e conhecimentos diversos trazidos pela comunidade. O resultado disso foi uma síntese cultural que incorporou as diferentes visões de técnicos especialistas e moradores sobre o território.

Inserir no ciclo de aproximação um momento dedicado à problematização do panorama em que a comunidade está inserida revela-se de extrema importância. Esse espaço de reflexão e diálogo entre técnicos e moradores desempenha um papel fundamental na conscientização dos cidadãos e profissionais sobre seus papéis históricos na transformação da realidade urbana em que estão imersos. Ao questionar e analisar juntos os desafios, injustiças e oportunidades que moldam seu ambiente, tanto os moradores quanto os técnicos desenvolvem uma consciência crítica. Eles podem se tornar não apenas observadores, mas agentes ativos na busca por soluções e na criação de um espaço

urbano mais inclusivo, justo e sustentável. Esse momento de problematização não apenas empodera os participantes, mas também fortalece o compromisso com a construção coletiva de uma cidade que atenda às aspirações e necessidades de todos os seus habitantes.

Em resumo, as ferramentas e abordagens adotadas no processo de transformação urbana estão alinhadas com os aspectos fundamentais de uma colaboração eficaz entre moradores e arquitetos, conforme delineados pelas ideias de Paulo Freire. Ainda assim, o processo poderia ser potencializado com a inclusão de atividades que buscassem a tomada de consciência sobre a realidade na qual estão inseridos, ponto que foi evidenciado após larga pesquisa.

3.2.2 Fazendo Lugares Juntos

O Ciclo Fazendo Lugares Juntos estabeleceu uma plataforma na qual técnicos e cidadãos poderiam atuar na reflexão conjunta dos desafios e soluções relacionados aos pequenos espaços de convivência da comunidade. Com o propósito de fortalecer esses locais por meio de intervenções de pequena escala, três momentos foram concebidos: 1) oficinas de cocriação, 2) desenho e validação e 3) execução.

Nas oficinas de cocriação, a equipe do Massapê teve a oportunidade de compartilhar a visão e os objetivos deste ciclo, bem como as limitações e os possíveis focos de intervenção que poderiam ser explorados. O momento inicial nivelou o entendimento entre técnicos e moradores, alinhando as expectativas sobre as possíveis transformações que as intervenções poderiam trazer. Os moradores do entorno imediato e os usuários regulares desses espaços, foram convidados a participar.

Na etapa de desenho de projeto e validação, a equipe técnica desenvolveu soluções projetuais em resposta às demandas e sugestões apresentadas pelos moradores. O objetivo era adaptar o projeto de acordo com os recursos e limitações disponíveis. A fase foi marcada por oficinas e visitas às residências com o propósito de validar as informações antes de prosseguir com a fase de execução.

Durante a execução, uma equipe composta por profissionais locais foi contratada para efetivar o trabalho. Alguns moradores também desempenharam papéis de apoio, oferecendo espaços para armazenamento de materiais e acompanhando a implementação do projeto.

As atividades desenvolvidas neste segundo ciclo possuem diversos aspectos que se alinham com um processo dialógico, desde a escuta direcionada às diferentes visões a respeito do espaço até a concretização das soluções na avaliação do desenho do projeto. Tanto o conhecimento técnico dos especialistas quanto os saberes populares foram considerados, chegando à sua síntese. Ainda assim, o momento de cocriação não possuiu um aprofundamento com os participantes em relação aos dados obtidos na fase de aproximação, o que poderia ter potencializado o conhecimento dos moradores em relação ao território e subsidiado parte das ideias e soluções geradas. Outra questão que também deve ser apontada é a de que os espaços escolhidos não foram frutos de uma decisão em conjunto com a comunidade, e sim de decisões realizadas por técnicos e contratantes, o que poderia ser melhor investigado com as prioridades e demandas dos moradores.

O fato de o projeto possuir recurso limitado e, dessa forma, limitar as possíveis soluções para o espaço coloca o projeto como uma ação tática que não tem por objetivo mudar por completo a realidade de precariedade a que os espaços estão submetidos. Nesse contexto, é fundamental examinar o papel

dos urbanistas e avaliar em que medida os modelos de urbanismo participativo podem efetivamente incorporar uma prática dialógica, seguindo as ideias de Paulo Freire. Ao analisarmos o processo executado no Projeto Pulsa Bairro, torna-se evidente a falta de incorporação de dois elementos essenciais da teoria dialógica de Freire: a conscientização do oprimido como agente de transformação e a transformação da realidade opressora.

Apesar do reconhecimento do papel dos moradores como especialistas em relação ao território, o processo não buscou a problematização das condições precárias vivenciadas nos espaços de convivência da comunidade, bem como dos direitos garantidos aos habitantes de uma Zeis. É crucial desenvolver uma consciência crítica sobre o direito a um projeto de urbanização em Entra Apulso, para que os processos emergentes não sejam vistos como uma “falsa generosidade” que busca apenas resolver demandas urgentes. Faz-se necessário compreender que o campo da experimentação representa uma abordagem alternativa para buscar soluções rápidas e inovadoras junto aos moradores, todavia não deve comprometer a importância de um projeto urbanístico definitivo capaz de abordar, de forma duradoura, as diversas demandas do território.

Ao conduzir um processo participativo, o método do Coletivo Massapê abordou as melhorias nas condições de vida das comunidades, a partir de um processo dialógico, ainda assim não teve como objetivo transformar todo sistema que perpetua a opressão. Essa reflexão nos leva a considerar a necessidade de um urbanismo participativo que fortaleça as comunidades como verdadeiros agentes de mudança e vá além de somente melhorar as condições de vida. É vital que os esforços se concentrem na transformação do sistema que perpetua a opressão. A conscientização dos sujeitos e a sua identificação como agentes de transformação são a base para um processo de emancipação das comunidades urbanas, em consonância com os princípios de Paulo Freire.

Desta forma, se faz necessário problematizar o contexto que o projeto surge, na medida em que identifica as ausências de intervenções de melhorias por parte do estado.

3.3 Análise dos resultados das intervenções realizadas

Na observação dos resultados, foi realizada uma análise abrangente de oito ações executadas no âmbito do projeto, selecionadas com o propósito de compreender até que ponto contribuem para melhorar a vida cotidiana e as características locais da comunidade de Entra Apulso. É relevante destacar que, embora o Pulsa Bairro tenha demonstrado uma abordagem participativa e colaborativa na sua concretização, não houve uma avaliação posterior às intervenções. Isso impede a obtenção de dados que poderiam indicar mudanças nas dinâmicas e atividades dos espaços, ampliando o alcance da investigação. Diante disso, a análise se concentrará nos elementos incorporados ao projeto e de que forma eles abordam ou se propõem a fortalecer a vida cotidiana e as características locais da comunidade.

Os resultados da qualificação desses espaços partiram de três eixos de intervenção, sendo eles mobiliários — o que engloba criação e instalação de bancos, lixeiras, cobertas, pendura-lixo e outros dispositivos físicos; sinalização — incorporando todas as informações definidas como importantes a serem expostas no espaço público e algumas ações lúdicas; e arte urbana — em que houve o desenvolvimento artístico de painéis de grafite com temáticas relacionadas à história, à memória e à cultura local, além de colagem de lambe-lambes.

3.3.1 Mobiliários

Os mobiliários desenvolvidos para as intervenções foram, principalmente, concebidos para atender às demandas relacionadas aos usos e ocupações já existentes nos espaços, algo que os torna elementos essenciais para fortalecer as atividades realizadas. Exemplo disso são os mobiliários pré-existentes no Sindicato, que eram feitos, em sua maioria, de materiais reciclados ou móveis encontrados nas ruas. Com a instalação dos mobiliários do projeto, foi possível disponibilizar equipamentos mais resistentes, que exigem menos manutenção ao longo do tempo. No Posto de Saúde, a instalação da cobertura proporcionou uma área de espera protegida para os moradores que antes não existia, evitando que fiquem expostos à chuva ou ao sol enquanto aguardam atendimento.

Na área conhecida como Pistinha, a substituição do antigo mobiliário, composto apenas por uma coluna de concreto improvisada pelos moradores, qualificou significativamente o espaço de descanso, proporcionando maior conforto e segurança. Além disso, foi realizada uma reforma no chuveiro público utilizado pelos moradores, tornando-o mais resistente e durável. Em todas as áreas dos projetos, foram instalados lixeiras e ganchos para sacolas de lixo, visando organizar o descarte de resíduos e incentivar a coleta adequada. Varais comunitários também foram instalados em áreas onde os moradores costumam estender roupas, considerando a altura e a resistência necessárias.

Além dos mobiliários destinados a fortalecer as atividades já existentes, algumas intervenções possuem a finalidade de criar novos usos e atividades nos espaços. Dois exemplos disso são o Muro do John Lennon, que recebeu um banco para proporcionar um local de descanso e convívio, e o Bingo da Lú,

onde foi construído outro banco, atendendo não apenas às atividades do bingo, como criando um espaço adicional de interação comunitária.

3.3.2 Sinalização

As sinalizações consistem em informações relevantes sobre o uso e a gestão dos espaços públicos. Isso contribui para a organização e a gestão do espaço. Indicações claras de zonas de convivência, de descarte de lixo e de estacionamento para as carroças, por exemplo, desempenham um papel fundamental no fortalecimento das atividades desenvolvidas na comunidade, tornando mais simples para os residentes a compreensão de como o espaço pode ser melhor aproveitado e gerenciado.

A presença de crianças nesses locais é um aspecto essencial na vida comunitária. As sinalizações que indicam a presença de crianças e a necessidade de redução de velocidade por parte dos veículos são especialmente significativas para a segurança dos pequenos. Isso não apenas possibilita um ambiente mais seguro para as crianças brincarem, como também fortaleceu o senso de comunidade e proteção.

As informações culturais e a memória da comunidade incorporadas às sinalizações foram uma maneira de valorizar a identidade local, permitindo que os moradores se conectem com suas raízes culturais e compartilhem histórias e tradições com as gerações mais jovens. Essa abordagem fortalece as características locais e promove um senso de pertencimento e orgulho entre os residentes.

As “pílulas” de educação ambiental nas sinalizações são, por fim, um elemento crucial para promover práticas sustentáveis dentro da comunidade. Ao

instruir os moradores sobre compostagem, separação de lixo e cultivo de ervas medicinais, essas sinalizações não apenas contribuem para uma cultura habitacional mais sustentável, como ajudam a melhorar a qualidade de vida dos habitantes locais. O foco na educação ambiental também pode resultar em benefícios a longo prazo, como uma comunidade mais consciente e ecologicamente responsável, já que essas informações ficam de fácil acesso nos espaços públicos da comunidade.

3.3.3 Arte urbana

As intervenções artísticas realizadas em Entra Apulso revelam a expressão cultural e criativa, além da importância das manifestações no fortalecimento da vida cotidiana e das características da comunidade. Ao abordar elementos da vida cotidiana, da história, da memória e da cultura local, elas desempenham um papel significativo no enriquecimento do espaço público e na construção de uma identidade mais robusta.

Ao ocupar e “perturbar” o espaço público de maneira criativa, essas intervenções convidam as pessoas a interagir fisicamente com o ambiente à sua volta. Isso não apenas subverte a imagem tranquila e pacífica do espaço público, mas promove uma relação mais profunda e envolvente entre o corpo humano e o corpo urbano.

As intervenções artísticas, como os painéis de grafite e as colagens de lambe-lambe, criaram um espaço de expressão para os artistas e servem, hoje, como um registro visual das narrativas e memórias da comunidade. Ao homenagear figuras significativas da história de Entra Apulso e retratar momentos históricos locais, elas criaram uma conexão tangível entre o passado e o pre-

sente. A consolidação da memória coletiva fortalece os laços entre os moradores e reforça o senso de pertencimento à comunidade.

O viés artístico desempenhou, ainda, um papel significativo na visibilidade de profissões e pessoas importantes para a vida da comunidade, como os comerciantes e as lavadeiras. Houve uma valorização de contribuições muitas vezes subestimadas e um empoderamento dos próprios membros da comunidade ao verem suas vidas e identidades refletidas como aspectos de residência. Isso também pode auxiliar no senso de identidade e no orgulho entre os habitantes.

As intervenções artísticas exemplificadas desafiam a hegemonia das imagens consensuais sobre o espaço público e convidam os moradores e visitantes a questionar e refletir sobre o ambiente urbano e suas dinâmicas e histórias. Essa prática contribui para a criação de um espaço público que gere consciência crítica e que funcione como ferramenta pedagógica, incentivando diferentes perspectivas e aprofundando a experiência sensível do espaço urbano.



55 TITA 3

BARRAQUINHA S/N 120 158 155 S/N

CASA ALIVE GIRLEIDE MANICURE 215

ASA VANA

ou Maria 214

S/N Michor

BECO 23

161 727 298

CASA DE

BECA 14



960

170

S/N

N

S/N

CASA DE CASSIARE N/S N=500

S/N

S/N

159

Capítulo 04

ACÚMULO DE APRENDIZADOS



O percurso desta pesquisa me conduziu a uma exploração da relação entre teoria e prática, na qual convergem arquitetura, urbanismo e sociedade. Ao longo da investigação, analisei os potenciais e as limitações dos processos projetuais de pequena escala aplicados à intervenção em espaços públicos. O foco se voltou, especialmente, à atuação do Coletivo Massapê e à sua experiência no Projeto Pulsa Bairro, localizado na Comunidade de Entra Apulso, no bairro de Boa Viagem, na capital pernambucana.

Um dos aprendizados crucial emergidas foi a de que a participação ativa da comunidade desempenha um papel fundamental no êxito de qualquer processo de produção urbana. A construção coletiva de conhecimento sobre o espaço urbano, viabilizada pelo diálogo entre arquitetos e não arquitetos, revela-se necessária para a valorização das diversas culturas e saberes locais. Não se deixa de reconhecer, no entanto, as intrincadas complexidades e contradições que permeiam esse processo, enfatizando a importância de não mascarar suas limitações, mas expô-las de maneira franca.

A concepção do arquiteto como mediador e negociador de interesses, fazendo uso de seu conhecimento acumulado sobre o espaço, surge como uma terceira via, uma alternativa de inestimável valor frente ao planejamento normativo autoritário e às ações diretas desprovidas de diálogo. Todavia, é necessário redefinir essa atuação como uma ação política, na qual o arquiteto precisa assumir um lado, e este lado precisa ter uma abordagem dialógica.

As experiências do Coletivo Massapê, caracterizadas por intervenções de pequena escala e baixo custo, demonstram que a cidade pode ser um campo de experimentação para ideias e criatividade. A experimentação e o diálogo são pilares fundamentais na edificação de cidades mais inclusivas e dinâmicas,

onde diversas alternativas podem ser testadas e avaliadas, além de permitirem que os cidadãos possam, também, intervir nos espaços onde habitam. Minha pesquisa, dessa forma, voltou-se à análise de processos práticos, estando em contato direto com a realidade e as complexidades da vida urbana.

Este estudo ressalta, ainda, o potencial das ações táticas inseridas na abordagem do urbanismo emergente ao destacar a colaboração estabelecida com os moradores e atores locais. Simultaneamente, enfatiza a importância de reconhecer que essas abordagens podem coexistir de forma complementar ou até mesmo servir de inspiração para o desenvolvimento do urbanismo tradicional, conduzido pelas instituições do poder público. Afinal, cabe a estas a responsabilidade de coordenar os processos de produção urbana, atendendo às demandas da população e reduzindo as desigualdades.

Em última análise, este trabalho representa um convite à reflexão, compartilhando uma das jornadas nas quais estive envolvido. À medida em que minhas inquietações forem disseminadas pelo mundo, espero que desafiem a realidade e inspirem a criação de novos caminhos na construção de cidades mais inclusivas, participativas e diversificadas. A cidade é um território de inúmeras possibilidades, e compete a todos nós, arquitetos, urbanistas e cidadãos, contribuir para moldá-la como um lugar onde todos possam prosperar.





**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINATI, Mariana Luscher; SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos. **Conflitos Urbanos e Direito à Cidade: desafios para a promoção da função social da propriedade e da inclusão socioterritorial**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.

BARBOSA, Pedro E. C. **Decifrando o Recife que devora ZEIS: conflitos e disputas na produção do espaço e da política a partir do caso de Entra Apulso/ Recife**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2021. 289 p.

BRITTO, PEDRO. **A cidade dialogada: reflexões sobre processos participativos para intervenções em espaços públicos**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008. 351 p.

FREIRE, Juan. **Urbanismo emergente: ciudad, tecnología e innovación social**. Paisajes Domésticos, Vol. 4. Redes de Borde, p. 18-27. Espanha: Sepes, 2009. Disponível em: <<http://nomada.blogs.com/jfreire/2010/03/urbanismo-emergente-ciudad-tecnologa-e-innovacin-social.html>>. Acesso em: 01/09/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 84^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'Água, 1995.

GARCIA, Anthony; LYDON, Mike. **Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change**. Estados Unidos: Island Press, 2015.

GIGLIA, Ángela. **El habitar y la cultura: Perspectivas teóricas y de investigación**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2012. 159 p.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: Do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

MASSAPÊ. **Pulsa Bairro: uma aproximação de Entra Apulso**. Recife, 2021.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaída. **Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista**. São Paulo: Editora Olhares, 2021. 264 p.

NEGÓCIOS PE. **Relatório de Sustentabilidade 2010**. Link: <http://www.revista-negociospe.com.br/materia/Shopping-Center-Recife---Instituto-Shopping-Recife>. Acesso em: 01/09/2023

Observatório dos Conflitos Urbanos da Cidade do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://observaconflitosrio.ippur.ufrj.br/site/apresentacao.php> Acesso em: 01/09/2023

PARK, Robert. **On Social Control and Collective Behavior**. Chicago: University of Chicago Press, 1967

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **What is Placemaking?** Estados Unidos: 2007. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/what-is-placemaking> > Acesso em: 01/09/2023.

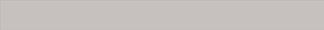
PROJECT FOR PUBLIC SPACES. **Eleven Principles for Creating Great Community Places**. Estados Unidos: 2007. Disponível em: <<https://www.pps.org/article/11steps>> Acesso em: 01/09/2023.

ROSA, Marcos L. **Microplanejamento: Práticas Urbanas Criativas**. 1ª ed. São Paulo: Editora de Cultura, 2011.

SALAZAR, Eduardo Basurto; RIQUELME, Alicia Paz González. **Microurbanismo, lugar y habitabilidad**. México: Universidad Autónoma Metropolitana, 2016. 91 p.

SANTOS JUNIOR, Orlando Alves dos; et al (orgs.) **Políticas públicas e direito à cidade: Caderno didático**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2017. 142 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.



LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Fotografia do projeto Pulsa Bairro. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 2 - Fotografia do Projeto Pulsa Bairro. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 3 - Diagrama *bottom-up/top down*

Imagem 4 - Conhecimento técnico e vivencial (síntese cultural)

Imagem 5 - Fotografia do Projeto Pulsa Bairro. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 6 - Mapa da localização da Comunidade de Entra Apulso

Imagem 7 - Equipe do Coletivo Massapê. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 8 - Fotografia do Projeto Pulsa Bairro. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 9 - Método Ciclos de Engajamento. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 10 - Mapa das áreas do projeto. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 11 - Fotografia de Dona Rita em frente a sua casa.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 12 - Bar da Covid. Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 13 - Fotografia do questionário sendo aplicado.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 14 - Fotografia de pesquisadores com mapas.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 15 - Fotografia de pesquisadores anotando em campo.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 16 - Fotografia dos lambe-lambes colados.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 17 - Fotografia de Lula do Boi, personagem entrevistado.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 18 - Gráfico sobre densidade populacional por habitação.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 19 - Gráfico Perfil de gênero em Entra Apulso.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 20 - Gráfico de indivíduos por faixa etária. Fonte: Massapê, 2022

Imagem 21 - Gráfico sobre o tempo de moradia na comunidade.

Fonte: Massapê, 2022

Imagem 22 - Infográfico para a caracterização de trabalhos formal e informal.

Fonte: Massapê, 2022

Imagem 23 - Trabalhos dentro e fora da comunidade. Fonte: Massapê, 2022

Imagem 24 - Gráfico que demonstra o uso dos espaços públicos em Entra Apulso.

Fonte: Massapê, 2022

Imagem 25 - Gráfico sobre o uso do espaço público pelas brincadeiras.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 26 - Mapa de usos da comunidade de Entra Apulso.

Fonte: Massapê, 2022

Imagem 27 - Nuvem de palavras sobre Entra Apulso antigamente.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 28 - Nuvem de palavras sobre Entra Apulso hoje em dia.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 29 - Nuvem dos personagens relevantes na comunidade.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 30 - Nuvem das expressões e celebrações de Entra Apulso.

Fonte: Massapê, 2022

Imagem 31 - Mapa de tipos de empreendimentos de Entra Apulso.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 32 - Atividade de cocriação. Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 33 - Atividade de cocriação. Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 34 - Validação sendo realizada em Entra Apulso.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 35 - Mapa com identificação das intervenções executadas.

Fonte: Coletivo Massapê, 2022

Imagem 36 - Área do Bingo da Lu antes da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 37 - Área do Bingo da Lu, depois da intervenção.

Foto: Melina Motta, 2021

Imagem 38 - Muro do Edifício John Lennon, antes da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 39 - Letreiro translúcido, parte de intervenção no muro John Lennon.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 40 - Foto do muro após a intervenção, próximo à rua Agenor Lopes.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 41 - Área do Posto de Saúde antes da intervenção.

Foto: Melina Motta, 2021

Imagem 42 - Área do Posto de Saúde depois da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 43 - Área do Sindicato antes da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 44 - Área do Sindicato depois da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 45 - Área da Pistinha antes da intervenção, com foco de lixo identificado.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 46 - Área da Pistinha após a intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 47 - Largo do Projeto Sinal antes da intervenção.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 48 - Lambe-lambe com homenagem a Dona Baia.

Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 49 - Rua da Associação de Moradores de Entra Apulso antes da intervenção. Fonte: Coletivo Massapê, 2021

Imagem 50 - Sinalização conscientizando a população sobre a história da comunidade como ZEIS. Fonte: Coletivo Massapê, 2021

